

ASSASSIN'S CREED

RENEGADO
OLIVER BOWDEN



Tradução de João Félix

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



PRÓLOGO

Nunca o cheguei a conhecer a sério. Pensava que sim, mas só quando li o seu diário me apercebi de que não o conhecia de todo. E agora é tarde de mais. Tarde de mais para lhe dizer que estava enganado em relação a ele. Tarde de mais para lhe pedir desculpa.



PARTE I

EXCERTOS DO DIÁRIO DE HAYTHAM E. KENWAY



6 de Dezembro de 1735

i

Há dois dias, eu devia estar a celebrar o meu décimo aniversário em minha casa na Praça de Rainha Ana. Em vez disso, o meu aniversário passou sem ninguém reparar; não há celebrações, só funerais, e a nossa casa em ruínas do incêndio parece um dente negro e apodrecido entre as mansões altas de tijolos brancos da Praça de Rainha Ana.

Por enquanto, estamos alojados numa das propriedades do pai em Bloomsbury. É uma casa simpática, portanto, embora a família esteja de rastos e as nossas vidas viradas do avesso, ao menos temos de ficar gratos por isso. Vamos ficar por aqui, chocados, no limbo — como fantasmas atormentados — até que o nosso futuro seja decidido.

O incêndio levou os meus diários, por isso parece que começar este é como começar de novo. Sendo assim, provavelmente devia começar com o meu nome, que é Haytham, um nome arábico para um rapaz inglês cujo lar fica em Londres e que, desde que nasceu até há dois dias, viveu uma vida idílica, protegido do que de pior existe noutros pontos da cidade. Da Praça de Rainha Ana conseguíamos ver o nevoeiro e o fumo que pairava sobre o rio e, tal como as outras pessoas, o fedor incomodava-nos, um cheiro que só consigo descrever como a “cavalo molhado”, mas não tivemos de passar por cima dos rios da porcaria pestilenta vinda das casas de curtumes, de talhantes e dos traseiros de animais e pessoas. Eram os riachos putrefactos do afluente que aceleravam a vinda da doença: disenteria, cólera, pólio...

— Tem de se agasalhar, Menino Haytham, ou vai apanhar alguma doença.

7

Nos passeios pelas colinas a caminho de Hampstead, as minhas amas costumavam afastar-me dos pobres desgraçados, afligidos pela tosse, e tapavam os meus olhos das crianças com deformações. Acima de tudo, temiam a doença. Suponho que fosse porque não é possível negociar com a doença, não se pode suborná-la ou pegar em armas contra ela. Não respeita nem riqueza nem estatuto social. É um inimigo implacável.

E, é claro, ataca sem aviso. Por isso, todas as noites verificavam se eu não apresentava sinais de sarampo ou varíola, fazendo de seguida o relatório do meu estado saudável à mãe, que vinha para me dar um beijo de boa-noite. Sabem, eu era um dos afortunados, tinha uma mãe para me dar um beijo de boa-noite e um pai também. Eles tinham amor por mim e pela minha meia-irmã Jenny, que me contou dos ricos e dos pobres, que sempre me incutiu o pensar nos outros. E contrataram tutores e amas para tomarem conta de mim e me educarem, para que eu me tornasse num homem de valores corretos e com alguma utilidade para o mundo. Era um dos afortunados, ao contrário das crianças que têm de trabalhar nos campos e em fábricas e em chaminés.

Ainda assim, por vezes perguntava-me se essas outras crianças teriam amigos. Se tivessem, então eu sabia bem que não devia invejar as vidas deles, quando a minha era muito mais confortável. Eu invejava apenas essa coisa: os amigos que tinham. Eu não tinha nenhum, não tinha nem irmãos nem irmãs da minha idade e, bom, era demasiado tímido para fazer amigos. Para além disso, havia outro problema, algo que surgiu quando eu tinha apenas cinco anos.

Aconteceu numa tarde. As mansões da Praça de Rainha Ana foram construídas de tal maneira juntas umas às outras que era frequente vermos os nossos vizinhos ou na praça em si ou nos seus terrenos nas traseiras. Num dos nossos lados vivia uma família que tinha quatro raparigas, duas delas da minha idade. Parecia que passavam horas a saltar ou a jogar à cabra-cega no seu jardim e eu costumava escutá-las quando estava sentado na sala de estudos sob o olhar atento do meu tutor, o Velho Sr. Fayling, que tinha sobrancelhas grossas e grisalhas e o hábito de meter o dedo no nariz para depois investigar cuidadosamente qualquer que fosse aquilo que tinha desenterrado das profundezas das narinas e comê-lo secretamente.

Nesta tarde em particular, o Velho Sr. Fayling abandonara a sala e eu esperei até que os seus passos se desvanecessem para deixar as minhas costas de somar, ir para a janela e olhar para o terreno da mansão ao lado.

O nome de família deles era Dawson. O Sr. Dawson era deputado, segundo dizia o meu pai, quase sem esconder uma cara feia. O jardim deles tinha muros altos e, apesar das árvores, arbustos e folhagem primaveril,

havia partes que eram visíveis da janela da minha sala de estudos, por isso eu conseguia ver as raparigas Dawson lá fora. Estavam a jogar à macaca, para variar, e tinham colocado tacos de croquet para improvisar um percurso. No entanto, não parecia estarem a levar o jogo muito a sério; as duas mais velhas estavam provavelmente a ensinar às duas mais novas as regras do jogo. Riam e gritavam entre elas, numa nuvem de rabos-de-cavalo e vestidos cor-de-rosa amarrotados. Por vezes, ouvia a voz de um adulto, provavelmente uma ama, fora do meu campo de visão, atrás de uma copa baixa de árvores.

Tirei a atenção das minhas somas em cima da mesa por um instante enquanto olhava para elas a brincar, até que, subitamente, quase como se “sentisse” que a estavam a ver, uma das raparigas mais novas, talvez um ano mais nova que eu, olhou para cima, viu-me à janela e cruzámos o olhar.

Engoli em seco, depois, hesitante, levantei uma mão para acenar. Para meu espanto, ela olhou de volta para mim. E de seguida estava a chamar as irmãs, que se juntaram a ela, as quatro empolgadas a esticar o pescoço e a taparem o sol com as mãos para poderem olhar para a janela da sala de estudo onde eu me encontrava, exposto como num museu — tirando o facto de eu ser uma exposição que se mexia, acenava e corava ligeiramente de vergonha. Mas, ainda assim, eu senti aquele calor suave e brilhante de algo que poderia ter sido uma amizade.

Essa sensação evaporou-se no instante em que a ama delas surgiu por detrás das árvores, olhou zangada para a minha janela com um ar que me deixou sem qualquer dúvida sobre o que achava de mim: um mirone ou pior. Depois, apressou as quatro raparigas para longe da minha vista.

Já tinha visto aquele olhar que a ama me dera e iria vê-lo outra vez, na praça ou nos campos atrás de nós. Lembram-se de como as minhas amas me desviavam dos pobres coitados? As outras amas mantinham as crianças a seu cargo longe de mim da mesma forma. Nunca percebi porquê. Nunca o questionara porque... Não sei, talvez porque não houvesse motivos para o questionar, era apenas algo que acontecia sem eu me aperceber.

ii

Quando eu tinha seis anos de idade, a Edith ofereceu-me um monte de roupas passadas e um par de sapatos com fivelas de prata.

Saí de trás do biombo vestido com os meus sapatos de fivelas brilhantes, um colete e um casaco e a Edith chamou uma das criadas, que

disse que eu era a imagem chapada do meu pai, o que era obviamente a intenção.

Mais tarde, os meus pais vieram ver-me, e era capaz de jurar que os olhos do pai humedeceram um pouco. A mãe, pelo contrário e sem fingimento, rebentou num choro ali mesmo no quarto das crianças, a abanar a mão até que Edith lhe deu um lenço

Senti-me um adulto e um intelectual ali de pé, mesmo à medida que sentia o calor nas bochechas novamente. Dei por mim a pensar se as raparigas Dawson me achariam atraente no meu fato novo, um verdadeiro cavalheiro. Pensava muitas vezes nelas. Às vezes conseguia vê-las rapidamente pela janela, a correrem pelo jardim ou a serem conduzidas até carruagens à porta das mansões. Gostava de imaginar que uma vez tinha visto uma delas deitar-me um olhar fortuito, mas, se me viu, não houve nem sorrisos nem acenos dessa vez, apenas uma réplica daquele mesmo olhar que a ama me tinha oferecido, como se o desagrado de mim tivesse sido ensinado como um conhecimento insondável.

Então, tínhamos os Dawson num lado; as evasivas raparigas Dawson, a saltitar de rabos-de-cavalo, enquanto no outro tínhamos os Barrett. Eram uma família de oito crianças, tanto rapazes como raparigas, embora, mais uma vez, eu raramente os visse. Tal como os Dawson, os meus encontros com eles limitavam-se a vê-los entrar em carruagens ou lá longe nos campos. Então, um dia pouco antes de fazer oito anos, estava no jardim, a passear ao longo da periferia e a arrastar um pau contra a parede alta de tijolos vermelhos à volta do jardim. De vez em quando, parava para virar pedras com um pau e investigar que insetos se tinham abrigado debaixo dela: marias-café, centopeias, minhocas que se contorciam como se estivessem a alongar o seu longo corpo. Então dei de caras com uma porta que dava passagem para um caminho entre a nossa casa e a dos Barrett.

O portão pesado estava trancado com um cadeado enorme e enferrujado, um bocado de metal que parecia não ter sido aberto há anos. Fiquei a olhar para ele durante algum tempo, a pesá-lo na minha mão, quando ouvi um sussurro ansioso de um rapaz.

— Tu aí. Aquilo que dizem sobre o teu pai é verdade?

A voz veio do outro lado do portão, embora eu tivesse demorado um ou dois segundos para a localizar, segundos em que estaquei em choque, quase paralisado de medo. De seguida, quase morri de susto quando vi por um buraco na porta um olho sem pestanejar que olhava para mim. Novamente a pergunta:

— Vá lá, eles vão chamar-me a qualquer momento. Aquilo que dizem do teu pai é verdade?

Agachei-me calmamente para ficar à altura do buraco na porta.

— Quem está aí? — perguntei.

— Sou eu, o Tom, vivo na porta ao lado.

Eu sabia que o Tom era o mais novo da família, tinha a minha idade. Já tinha ouvido a chamarem por ele.

— Quem és tu? — disse ele. — Quero dizer, como te chamas?

— Haytham — respondi, e perguntei-me se Tom iria ser o meu novo amigo. Pelo menos tinha um olho amistoso.

— Isso é um nome estranho.

— É árabe. Quer dizer “jovem águia”.

— Bom, então faz sentido.

— O que queres dizer com “faz sentido”?

— Oh, não sei. Faz sentido, pronto. E só existes tu, certo?

— E a minha irmã — repliquei. — E a mãe e o pai.

— É uma família bem pequena.

Acenei.

— Olha — insistiu. — É verdade ou não? O teu pai é aquilo que dizem que ele é? E nem penses em mentir, eu consigo ver os teus olhos, sabes? Vejo logo se estás a mentir.

— Eu não minto. Nem sei o que “eles” dizem que ele é, muito menos quem “eles” são.

Fiquei ao mesmo tempo com uma sensação estranha e desagradável: existia algures uma ideia do que era “normal” e nós, a família Kenway, não estávamos incluídos.

Talvez o dono do olho se tivesse apercebido de alguma coisa no meu tom de voz, porque se apressou a acrescentar:

— Desculpa, desculpa se disse alguma coisa fora de ordem. Estava só interessado, só isso. Sabes, há um boato que é muito excitante se for verdade...

— Que boato?

— Vais achar parvo.

Ganhei coragem, aproximei-me do buraco, olhei para ele, olho com olho, e disse:

— O que queres dizer? O que dizem as pessoas sobre o pai?

Pestanejou.

— Dizem que ele costumava ser um...

Subitamente, ouviu-se um barulho atrás dele e ouvi uma voz masculina zangada a chamar por ele:

— Thomas!

O choque fê-lo cair para trás.

— Oh, raios — sussurrou rapidamente. — Tenho de ir. Estão a chamar-me. Vemo-nos por aí, espero eu.

E, assim, desapareceu, deixando-me a questionar-me sobre o significado do que ele tinha dito. Qual boato? O que diziam as pessoas sobre nós, a nossa família “pequena”?

Ao mesmo tempo, lembrei-me de que tinha de me despachar. Era quase meio-dia; eram horas para o meu treino com armas.

7 de Dezembro de 1735

i

Sinto-me invisível, como se estivesse preso num limbo entre o passado e o futuro. Os adultos à minha volta têm conversas tensas. As suas caras estão carregadas e as senhoras choram. Mantêm os lumes acesos, como é normal, mas a casa está vazia para além de nós e o que resta daquilo que salvámos da mansão incendiada, e parece estar frio constantemente. Lá fora a neve começou a cair, enquanto cá dentro se instalou uma mágoa que nos gela os ossos.

Como me resta muito pouco para fazer para além de escrever no meu diário, estava com esperanças de adiantar a história da minha vida até agora, mas parece que há mais a dizer do que eu pensava no início. É claro que também têm havido outros assuntos importantes para tratar. Funerais. Hoje foi o da Edith.

— Tem a certeza, Menino Haytham? — perguntara Betty anteriormente, com a sua testa vincada de preocupação e os olhos cansados. Durante anos, desde que eu me lembro, ela tinha estado a cargo da Edith. Estava num luto tão grande como o meu.

— Sim — disse eu, vestido, como sempre, com o meu fato e, por causa de hoje, uma gravata preta. Edith estava sozinha no mundo, portanto eram os Kenway que tinham sobrevivido e os serviçais que se reuniram para um velório no andar de baixo, com fiambre, cerveja e bolo. Quando isso acabou, os homens da empresa funerária, que já se encontravam muito bêbados, carregaram o seu corpo no carro fúnebre para a levarem até à capela. Atrás dele tomámos os nossos lugares nos coches fúnebres. Precisávamos

apenas de dois deles. Quando acabou, fui para o meu quarto para continuar com a minha história...

ii

Dois dias depois de eu ter falado com o olho de Tom Barrett, o que ele dissera não me saía da cabeça. Então, numa manhã em que Jenny e eu estávamos os dois sozinhos na salinha, decidi perguntar-lhe sobre o assunto.

Jenny. Eu tinha quase oito anos de idade e ela tinha vinte e um. Tínhamos tanto em comum como eu e o homem que nos entregava o carvão. Provavelmente ainda menos, vendo bem as coisas, porque ao menos tanto eu como o homem que entregava o carvão gostávamos de nos rir, quando raramente vi Jenny a sorrir, quanto mais a rir às gargalhadas.

Ela tem cabelo preto que brilha e os seus olhos são escuros e... bom, “preguiçosos” é o que eu diria, embora tenha ouvido serem descritos como “pensativos” e pelo menos um pretendente foi ao ponto de dizer que ela tinha um olhar etéreo, seja lá o que isso significa. A aparência de Jenny era um motivo de conversa popular. Ela é muito bonita, pelo menos é o que me costumam dizer.

Embora não o seja para mim. Era apenas Jenny, que se recusara a brincar comigo tantas vezes que já há muito tinha desistido de lhe perguntar. Sempre que a imagino, está sentada numa cadeira de costas altas, com a cabeça debruçada sobre a costura ou um bordado — fosse lá o que ela fizesse com uma agulha e linha. E a franzir o sobrolho. Aquele olhar etéreo que os pretendentes diziam ter? Eu chamo-lhe franzir o sobrolho.

A verdade é que, apesar de sermos pouco mais que convidados nas vidas um do outro, como navios às voltas do mesmo porto, a passar de perto sem nunca atracarem, tínhamos o mesmo pai. E sendo Jenny doze anos mais velha que eu, sabia mais sobre ele do que eu. Portanto, mesmo tendo eu passado anos a ouvi-la dizer que era demasiado estúpido ou demasiado novo para perceber — ou demasiado estúpido e demasiado novo para perceber —, e uma vez até demasiado baixo para perceber, fosse lá o que fosse que isso significasse, eu continuava a tentar conversar com ela. Não sei porquê, porque, como costume dizer, nunca fiquei mais esperto. Talvez para a irritar. Mas nesta ocasião em particular, uns dias depois da minha conversa com o olho de Tom, era porque estava verdadeiramente curioso por descobrir o significado das palavras de Tom.

Então perguntei-lhe:

— O que dizem as pessoas acerca de nós?

Ela suspirou melodramaticamente e olhou por cima da sua costura.

— O que queres dizer, pirralho? — perguntou.

— Isso mesmo: o que dizem as pessoas acerca de nós?

— Estás a falar de intrigas?

— Se quiseres.

— E o que te interessam as intrigas? Não és demasiado...

— Interessam-me — interrompi, antes que passássemos para o tema de eu ser demasiado novo, demasiado estúpido ou demasiado baixo.

— Ai sim? Porquê?

— Uma pessoa disse uma coisa, só isso.

Ela pousou a costura, arrumando-a ao pé da cadeira de pés junto à perna, e cerrou os lábios.

— Quem?

— Um rapaz junto ao portão no terreno. Disse que a nossa família era estranha e que o pai era um...

— Um quê?

— Não cheguei a descobrir.

Ela sorriu e voltou a pegar na costura.

— E foi isso que te pôs a pensar, não foi?

— Bom, não ficarias da mesma maneira?

— Já sei tudo o que preciso de saber — disse, num tom altivo — e digo-te uma coisa, não me interessa minimamente o que dizem de nós na casa ao lado.

— Então conta-me — disse eu. — O que fazia o pai antes de eu nascer?

Às vezes Jenny até sorria. Sorria quando estava em vantagem, quando podia exercer um pouco de poder sobre o outro, especialmente se o outro fosse eu.

— Irás descobrir — disse.

— Quando?

— Cada coisa a seu tempo. Afinal, és o seu herdeiro varão.

Houve um longo silêncio.

— O que queres dizer com “herdeiro varão”? — perguntei. — Qual é a diferença entre isso e o que tu és?

Ela suspirou.

— Bom, por enquanto não há muita, embora tu tenhas treino em armas e eu não.

— Não tens? — Ao pensar melhor, já sabia disso, e suponho que já me tivesse interrogado por que razão eu mexesse em espadas e ela em agulhas.

— Não, Haytham, eu não tenho treino em armas. Nenhuma criança tem treino em armas, Haytham, pelo menos não em Bloomsbury, e talvez

em nenhuma parte de Londres. Ninguém à exceção de ti. Ninguém te explicou?

— Explicou o quê?

— Para não dizeres nada.

— Sim, mas...

— Então, nunca te perguntaste porquê, por que razão não deves dizer nada?

Talvez o tivesse feito. Talvez soubesse secretamente desde o início. Nunca tinha dito nada.

— Em breve perceberás o que te espera — disse ela. — As nossas vidas foram planeadas por nós. Não te preocupes com isso.

— Bom, então o que te espera a ti?

Ela fungou sarcasticamente.

— “O que” me espera é a pergunta errada. “Quem” me espera seria mais acertado. — Tinha uma réstia de qualquer coisa na voz, algo que só consegui entender completamente muito mais tarde, e olhei para ela, com a consciência de que não devia insistir mais, sob pena de sentir a picada daquela agulha. Mas quando finalmente fechei o livro que estava a ler e saí da salinha, fi-lo sabendo que, embora não tivesse descoberto quase nada sobre o meu pai ou a minha família, tinha descoberto algo em relação à Jenny: o motivo para nunca sorrir, o motivo para ser sempre tão antipática comigo.

Era porque ela tinha visto o futuro. Tinha visto o futuro e sabia que me favorecia, por nenhuma razão em especial a não ser por eu ter nascido homem.

Podia ter tido pena dela. Podia tê-lo feito se ela não fosse tão amarga.

De qualquer forma, sabendo o que eu agora sabia, o treino em armas do dia seguinte ia ter um gosto especial. Então mais ninguém tinha treino em armas a não ser eu. Senti-me subitamente como se estivesse a provar o fruto proibido, e o facto de o meu pai ser o meu professor só fazia com que fosse mais saboroso. Se Jenny tivesse razão e houvesse uma causa para a qual eu estivesse a ser educado, tal como outros rapazes são educados para serem padres, ou tal como os ferreiros, talhantes ou carpinteiros, então ótimo. Gostava da ideia. Não havia ninguém no mundo que eu admirasse mais do que o pai. A ideia de ele me estar a passar o seu conhecimento era ao mesmo tempo reconfortante e excitante.

E, é claro, metia espadas. Que mais poderia um rapaz desejar? Em retrospectiva, sei que desse dia em diante me tornei num aluno mais voluntarioso e entusiástico. Todos os dias, ou ao meio-dia ou depois da refeição da noite, dependendo da agenda do pai, reuníamo-nos naquilo que apelidávamos de sala de treino, mas na verdade era o salão de jogos. E era ali que as minhas competências com a espada começavam a melhorar.

Nunca mais treinei desde o ataque. Não tenho tido vontade nenhuma de pegar numa espada, mas sei que, quando o fizer, vou imaginar essa sala, com as paredes cobertas de painéis de carvalho escuro, prateleiras e a mesa de bilhar, tapada e encostada a um lado para ganhar espaço. E lá está o meu pai, de olhos brilhantes, penetrantes mas bondosos, e sempre a sorrir, sempre a incentivar-me: bloquear, desviar, jogo de pés, equilíbrio, percepção, antecipação. Repetia essas palavras como uma reza, às vezes não dizendo mais nada durante a lição toda. Limitava-se a rosnar as palavras, acenando quando as acertava, abanando a cabeça quando as errava e parando ocasionalmente para tirar o cabelo da cara e indo para trás de mim para posicionar os meus braços e pernas.

Para mim são, ou foram, as imagens e os sons do treino de armas: as estantes, a mesa de bilhar, as rezas do meu pai e o tiritar...

Madeira.

Sim, madeira.

Usávamos espadas de madeira para treinar, para minha infelicidade. O aço viria mais tarde, dizia ele sempre que eu me queixava.

iii

Na manhã do meu aniversário, Edith fora especialmente simpática comigo e a mãe certificara-se de que eu recebia um pequeno-almoço de aniversário com a minha comida favorita: sardinhas com molho de mostarda e pão fresco com compota de cereja feito com frutos vindos dos nossos terrenos. Apanhei Jenny a olhar-me de soslaio enquanto comia tudo, mas não liguei. Desde a nossa conversa na salinha, todo o poder que ela pudesse ter sobre mim, por muito fraco que fosse, tinha-se tornado menos palpável. Antes disso, talvez tivesse levado a peito o gozo dela, talvez até me tivesse sentido um pouco idiota e constrangido com o meu pequeno-almoço de aniversário. Mas naquele dia não. Olhando para trás, pergunto-me se o meu oitavo aniversário marcou o dia em que comecei a mudar de rapaz para homem.

Portanto não, eu não queria saber do sorriso amarelo de Jenny ou dos grunhidos de porco que ela fazia sub-repticiamente. Só tinha olhos para a mãe e o pai, que só tinham olhos para mim. Conseguia vê-lo pela sua linguagem corporal, minúsculos códigos parentais que ia apanhando ao longo dos anos, que diziam que algo ainda estava para vir, que os meus desejos de aniversário iam continuar. E assim foi. Quando acabei de comer, o meu pai anunciara que naquela noite iríamos à chocolateira *White* na Rua Chesterfield, onde o chocolate quente é feito de blocos sólidos de cacau importados de Espanha.

Mais tarde nesse dia, estava de pé com Edith e Betty agitadas à minha volta, a vestirem-me no meu melhor fato. Depois entrámos os quatro numa carruagem na esquina da rua, onde roubei um olhar às janelas e me perguntei se as raparigas Dawson ou Tom e os irmãos tinham a cara contra o vidro. Quem me dera que sim. Quem me dera que me pudessem ver ali. Viam-nos todos e pensavam “ali vai a família Kenway, passar o serão fora como uma família normal”.

iv

A área à volta da Rua Chesterfield era movimentada. Conseguimos ir até à entrada da *White* e, uma vez ali, a nossa porta foi aberta e ajudaram-nos a atravessar rapidamente por entre a multidão para o interior.

Ainda assim, durante aquela curta caminhada entre a carruagem e o santuário da chocolateira, olhei para a esquerda e para a direita e vi um pouco de Londres crua e dura: o corpo de um cão deitado na sarjeta, o vômito seco colado a uma grade, vendedoras de flores, pedintes, bêbados, miúdos a brincar num rio de lama que parecia fervilhar pela rua.

Então entrámos, recebidos pelo odor intenso a fumo, cerveja e, é claro, chocolate, bem como o burburinho de um piano e vozes altas. Eram pessoas, todas elas a gritar, debruçadas sobre mesas de jogo. Os homens bebiam de enormes canecas de cerveja, as mulheres também. Vi algumas com chocolate quente e bolo. Parecia estarem todos altamente entusiasmados.

Olhei para o pai, que tinha parado subitamente, e senti a sua inquietação. Por um instante, fiquei com receio que ele simplesmente virasse costas e saísse, até que um cavalheiro a segurar uma bengala por cima do ombro chamou a minha atenção. Era mais novo que o pai, com um sorriso fácil e um brilho nos olhos que se conseguia ver mesmo do outro lado da sala; acenava com a bengala na nossa direção. Até que o pai lhe respondeu com um aceno cordial e começou a ajudar-nos a atravessar a sala, apertando-se entre mesas, passando por cima de cães e mesmo uma ou duas crianças que rastejavam aos pés dos convivas, supostamente a saltarem sobre qualquer coisa que caísse das mesas: pedaços de bolo, talvez moedas.

Chegámos ao pé do cavalheiro com a bengala. Ao contrário do pai, que tinha o cabelo solto e mal atado atrás com um laço, aquele usava uma peruca empoadada branca, com a nuca presa num saco preto de seda e uma túnica de um vermelho intenso e rico. Cumprimentou o pai com um aceno, depois prestou-me atenção e fez uma vénia exagerada.

— Boa-noite, Menino Haytham, penso que hoje é dia de lhe desejar

que conte muitos. Lembre-me por favor da sua idade, senhor. Posso ver pela sua aparência que é uma criança de grande maturidade. Onze? Doze, talvez?

Enquanto dizia isto, olhava sobre o meu ombro com um sorriso maroto e a minha mãe e o meu pai riam-se com agrado.

— Tenho oito, senhor — disse, e enchi o peito com orgulho enquanto o meu pai acabava com as apresentações. O cavalheiro era Reginald Birch, um dos seus gestores de propriedade mais antigos, e o Sr. Birch disse que era um prazer conhecer-me, depois cumprimentou a minha mãe com uma grande vénia, beijando as costas da mão dela.

De seguida passou a atenção para Jenny e pegou na mão dela, curvou a cabeça e encostou os lábios à mão. Eu sabia o suficiente para perceber que o que ele estava a fazer era cortejá-la e olhei rapidamente para o pai, à espera que ele interviesse.

Em vez disso, o que vi foi ele e a mãe com um ar encantado, embora Jenny parecesse uma estátua e assim ficou até sermos todos conduzidos para uma sala privada nas traseiras da chocolateira e nos sentarmos, ela e o Sr. Birch lado a lado, enquanto os empregados da *White* se ocupavam à nossa volta a servir-nos.

Podia ter ficado ali a noite toda, a beber chocolate quente e a comer bolo até me fartar, que eram abundantemente servidos na nossa mesa. Tanto o pai como o Sr. Birch pareciam gostar da cerveja. Por isso acabou por ser a mãe a insistir que nos fôssemos embora, antes que eu ou eles nos sentíssemos mal; então saímos para a rua, que estava ainda mais movimentada nas horas que haviam passado.

Desorientei-me por um segundo, devido ao barulho e ao fedor da rua. Jenny franziu o nariz e vi uma faísca de preocupação atravessar a cara da minha mãe. Instintivamente, o pai moveu-se para mais perto de nós, como se para tentar afastar a gritaria.

Uma mão suja apareceu em frente à minha cara e, ao olhar para cima, vi um pedinte a implorar silenciosamente por dinheiro com uns olhos bem abertos e suplicantes, num branco que contrastava com a sujidade da sua cara e cabelo. Uma vendedora de flores tentou passar pelo pai para chegar a Jenny e soltou um grito ofendido “Ei” quando o Sr. Birch usou a sua bengala para bloquear o seu caminho. Eu próprio senti-me a ser empurrado e vi dois miúdos a tentar chegar até nós com as mãos estendidas.

Então, de súbito, a minha mãe deu um grito quando um homem irrompeu pelo meio da multidão, maltrapilho e sujo, com os dentes arreganhados e a mão estendida, prestes a levar o colar da minha mãe.

E no segundo seguinte, descobri a razão para a bengala do pai ter

aquele barulho estranho, assim que vi uma lâmina aparecer lá de dentro enquanto ele se esticava para proteger a mãe. Chegou até ela num piscar de olhos mas, antes de a lâmina sair da bainha, mudou de ideias, talvez por ter visto que o ladrão estava desarmado, e voltou a embainhá-la, encaixando-a com um som seco e transformando-a outra vez numa bengala. Com o mesmo movimento, girou-a e bateu com ela na mão do rufia, afastando-a.

O ladrão guinchou de dor e surpresa, afastando-se diretamente para cima do Sr. Birch, que o atirou para o meio da rua e lhe saltou para cima, com os joelhos no peito do homem e um punhal na sua garganta. Eu sustive a respiração.

Vi os olhos da mãe arregalarem atrás do ombro do pai.

— Reginald! — gritou o pai. — Para!

— Ele tentou roubar-te, Edward — disse o Sr. Birch sem se virar. O ladrão soluçava. Os tendões nas mãos do Sr. Birch sobressaíam e os nós dos dedos estavam brancos a agarrar o punhal.

— Não, Reginald, esta não é a forma — disse o meu pai calmamente. Estava de pé com os braços à volta da mãe, que tinha enterrado a cara no seu peito e chorava suavemente. Jenny mantinha-se por perto, ela num lado, e eu no outro. À nossa volta tinha-se juntado uma multidão; os mesmos vagabundos e pedintes que nos tinham incomodado mantinham agora uma distância respeitosa. Uma distância respeitosa e temerosa.

— Estou a falar a sério, Reginald — disse o pai. — Guarda o punhal e deixa-o ir.

— Não me faças parecer um idiota dessa maneira, Edward — disse Birch. — Em frente desta gente toda não, por favor. Ambos sabemos que este homem merece pagar, se não com a vida, pelo menos com um dedo ou dois.

Sustive a respiração.

— Não! — ordenou o pai. — Não vai haver derrame de sangue, Reginald. Todos os relacionamentos entre nós acabam se não fizeres o que estou a dizer neste instante. — Um silêncio pareceu abater-se sobre todos à nossa volta. Conseguia ouvir o ladrão a balbuciar, a repetir vezes sem conta:

— Por favor, senhor, por favor, senhor, por favor, senhor...

Os seus braços estavam presos de lado, as suas pernas pontapeavam e rastejavam inutilmente na calçada coberta de sujidade enquanto permanecia imobilizado.

Até que, por fim, o Sr. Birch pareceu decidir-se e o punhal foi recolhido, deixando a sangrar um pequeno corte. Quando se levantou, apontou um pontapé ao ladrão, que não precisou de mais incentivos para se ajoelhar e depois fugir pela Rua Chesterfield, contente por ter escapado com vida.

O condutor da nossa carruagem recuperou do espanto e estava agora ao pé da porta, incitando-nos para a segurança da carruagem.

O pai e o Sr. Birch estavam de pé, frente a frente, a olharem fixamente um para o outro. Enquanto a mãe passava por mim apressadamente, vi os olhos do Sr. Birch em fúria. Vi o olhar do meu pai cruzar-se com o dele da mesma maneira, e estendeu-lhe a mão dizendo:

— Obrigado, Reginald. Em nome de todos nós, obrigado pelo teu pensamento rápido.

Senti a mão da minha mãe entre os meus ombros a tentar empurrar-me para dentro da carruagem e, ao esticar a minha cabeça para trás para ver o pai, a sua mão permanecia estendida para o Sr. Birch e este olhava fixamente para ele, recusando-se a aceitar a oferta de conciliação.

Então, no momento em que fui carregado para dentro da carruagem, vi o Sr. Birch esticar a mão para apertar a do pai e o seu olhar esfumou-se num sorriso embaraçado e tímido, como se se tivesse apercebido de si mesmo. Os dois apertaram as mãos e o meu pai ofereceu ao Sr. Birch aquele aceno curto que eu conhecia tão bem. Significava que tinha sido tudo acertado. Significava que não havia mais nada a falar sobre o assunto.

V

Regressámos finalmente a casa na Praça de Rainha Ana, onde trancámos a porta e expulsámos o cheiro a fumo, estrume e cavalos e disse à mãe e ao pai o quanto tinha gostado do serão, agradei profusamente e assegurei-os de que a confusão na rua não tinha estragado de maneira nenhuma a minha noite, enquanto pensava secretamente que tinha sido o ponto alto.

Mas afinal a noite não tinha acabado, porque, à medida que eu me dirigia na direção das escadas, o meu pai pediu-me para, em vez disso, o seguir, e foi em frente em direção ao salão de jogos, onde acendeu um candeeiro de parafina.

— Então gostaste da noite, Haytham? — disse.

— Gostei muito, senhor — disse eu.

— Com que impressão ficaste do Sr. Birch?

— Gostei muito dele, senhor.

O pai deu uma gargalhada.

— O Reginald é um homem que se vende muito bem pela sua aparência, as suas maneiras e etiqueta e pela forma como age. Não é como alguns, que usam a etiqueta e o protocolo como um escudo apenas quando lhes convém. Ele é um homem de honra.

— Sim, senhor — disse eu, mas devo ter mostrado tantas dúvidas como aquelas que sentia, porque ele olhou para mim com acuidade.

— Ah — disse ele —, estás a pensar sobre o que aconteceu a seguir?

— Sim, senhor.

— Bom, e o que tem?

Chamou-me para perto de uma das prateleiras. Parecia querer-me mais perto da luz e os seus olhos olhavam-me fixamente. A luz do candeeiro ondulava pelas suas feições e o seu cabelo escuro brilhava. Os seus olhos eram sempre benevolentes, mas também conseguiam ser intensos, tal como o eram agora. Reparei numa das suas cicatrizes, que parecia brilhar com mais intensidade à luz.

— Bom, foi muito emocionante, senhor — respondi, acrescentando rapidamente: — Nunca vi ninguém mexer-se tão rapidamente.

Ele riu-se.

— O amor faz isso a um homem. Um dia vais descobri-lo por ti mesmo. Mas e o que achaste do Sr. Birch? A reação dele, o que achaste dela, Haytham?

— Senhor?

— Parecia que o Sr. Birch iria administrar um castigo severo ao patife, Haytham. Achaste que era merecido?

Ponderei antes de responder. Consequia perceber pelo olhar na cara do pai, acutilante e perspicaz, que a minha resposta era importante.

E no calor do momento, suponho que pensei que o ladrão merecia uma represália dura. Houvera um instante, por muito breve que fosse, em que uma raiva primitiva em mim desejou que ele sofresse por ter atacado a minha mãe. No entanto agora, debaixo do brilho suave da lamparina, com o pai a olhar afavelmente para mim, não achava o mesmo.

— Diz-me honestamente, Haytham — insitiu o pai, como se me tivesse lido o pensamento. — Reginald tem um sentido de justiça muito apurado, ou o que ele chama de justiça. É um pouco... bíblica. Mas o que achaste tu?

— A princípio senti vontade de... vingança, senhor. Mas passou rapidamente, e fiquei feliz por ter sido concedida clemência ao homem — disse eu.

O pai sorriu e acenou, virando-se abruptamente para as estantes onde, com um movimento do pulso, mexeu num interruptor, fazendo com que uma parte dos livros deslizasse para o lado para revelar um compartimento secreto. O meu coração pulou quando ele retirou algo lá de dentro; era uma caixa que me entregou e, acenando, disse-me para a abrir.

— É um presente de aniversário, Haytham — disse.

Ajoelhei-me e coloquei a caixa no chão, abri-a e vi um cinto de couro

que retirei rapidamente, sabendo que por debaixo havia uma espada, e não uma espada de madeira, mas uma espada de aço reluzente com um cabo trabalhado. Tirei-a da caixa e segurei-a nas minhas mãos. Era uma espada curta e, ainda que, com vergonha, sentisse uma ponta de desilusão por esse motivo, percebi de imediato que era uma espada curta maravilhosa e que era a minha espada curta. Decidi de imediato que nunca a iria ter longe de mim, e já estava a pegar no cinto quando o pai me parou.

— Não, Haytham — disse ele —, fica aqui e não pode ser tirada ou sequer usada sem a minha autorização. Estamos entendidos? — Ele tinha recolhido a espada das minhas mãos e já a estava a arrumar de volta na caixa, colocando o cinto no topo e fechando-o.

— Em breve começarás a treinar com esta espada — continuou. — Tens muito para aprender, Haytham, não só acerca do aço que tens nas mãos, mas também acerca do aço no teu coração.

— Sim, pai — disse, tentando não parecer tão confuso e desapontado como me sentia. Observei-o à medida que se virava e voltava a colocar a caixa no compartimento secreto. Se estava a tentar esconder o livro que acionava o compartimento, bom, então tinha falhado, era a Bíblia do Rei Jaime.

8 de Dezembro de 1735

i

Houve mais dois funerais hoje, dos dois soldados que estavam destacados para a propriedade. Segundo sei, o assistente do pai, o Sr. Digweed, esteve presente no funeral do capitão, cujo nome nunca soube, mas ninguém da nossa casa foi ao funeral do segundo homem. Neste momento há tanta mágoa e luto à nossa volta que parece não haver espaço para mais, por muito duro que pareça.

ii

Depois do meu oitavo aniversário, o Sr. Birch tornou-se numa visita habitual da nossa casa e, quando não acompanhava Jenny em passeios pela propriedade ou a levava para a cidade na sua carruagem ou ficava na salinha a beber chá e licor enquanto brindava as mulheres com histórias da vida militar, reunia-se com o pai. Era evidente para todos que tencionava casar-se com Jenny e que a união tinha a bênção do pai, mas havia boatos de que o Sr. Birch tinha pedido para adiar o casamento, que queria ser tão bem-sucedido quanto possível para que Jenny tivesse o marido que merecia e que estava de olho numa mansão em Southwark de modo a manter o nível de vida a que ela estava habituada.

É claro que a mãe e o pai estavam encantados com isso. Jenny nem tanto. Via-a por vezes com os olhos avermelhados e começou a ganhar o hábito de desaparecer rapidamente das salas, ou no auge de um ataque de

raiva ou com a mão na boca, contendo as lágrimas. Ouvi o pai dizer mais de uma vez: — Ela muda de ideias — e, numa ocasião, ele olhou para mim de soslaio e revirou os olhos.

Pela altura em que já parecia resignada debaixo do peso do seu futuro, eu fervilhava de antecipação em relação ao meu. O amor enorme que sentia pelo pai ameaçava constantemente assoberbar-me. Eu não me limitava a amá-lo, eu idolatrava-o. Por vezes era como se nós os dois partilhássemos um conhecimento que era secreto para o resto do mundo. Por exemplo, era frequente perguntar-me o que os meus tutores me estavam a ensinar, ouvia atentamente e depois perguntava “Porquê?” Sempre que me perguntava alguma coisa, quer fosse acerca de religião, ética ou moral, sabia se a minha resposta era dada de cor, ou se a estava a papaguear, e dizia:

— Bom, acabaste de me dizer o que o Velho Sr. Fayling pensa — ou — Ambos sabemos o que um escritor há séculos atrás pensava. Mas o que diz aqui, Haytham? — E colocava uma mão sobre o meu peito.

Percebo agora o que ele estava a fazer. O Velho Sr. Fayling ensinava-me factos e verdades absolutas, o pai pedia-me que as questionasse. De onde vinha o conhecimento que recebia do Velho Sr. Fayling? Quem envergara a pena e porque deveria eu confiar nesse homem?

O pai costumava dizer: — Para ver de uma forma diferente, temos primeiro de pensar de forma diferente — e parece estúpido, e poderão rir-se, ou até eu posso olhar para trás em anos vindouros e rir-me, mas por vezes parecia sentir o meu cérebro “esticar” ao ver o mundo pelos olhos do pai. A sua forma de ver o mundo parecia ser diferente dos outros, uma forma de ver o mundo que desafiava a própria noção de “verdade”.

É claro que eu duvidava do Velho Sr. Fayling. Um dia confrontei-o, durante a leitura da Bíblia, e ganhei uma paulada nos nós dos dedos com a sua bengala, mais a promessa que iria informar o meu pai, e assim fez. Mais tarde, o pai levou-me para o seu escritório e, após fechar a porta, sorriu e tocou de lado no nariz.

— Haytham, muitas vezes é melhor guardarmos as nossas ideias para nós. Esconde-te à vista de todos.

Assim fiz. E comecei a reparar nas pessoas à minha volta, tentando olhar para dentro delas como se fosse, de algum modo, capaz de adivinhar como viam o mundo, à maneira do Velho Sr. Fayling ou à maneira do pai.

É claro que, ao escrever isto agora, consigo ver que dava um passo maior que a perna. Sentia-me mais crescido que a minha idade, o que seria tão pouco lisonjeiro agora, que tenho dez, como teria sido aos oito, nessa altura nove. Talvez fosse insuportavelmente arrogante. Talvez me sentisse

como o homem da casa. Quando fiz nove anos, o pai ofereceu-me um arco e flechas como presente de aniversário e, ao treinar nos terrenos, desejava que as raparigas Dawson ou os miúdos Barrett me estivessem a ver das suas janelas.

Já tinha passado mais de um ano desde que eu falara com o Tom junto ao portão, mas continuava a parar por lá às vezes, na esperança de o encontrar de novo. O pai era frontal em todos os assuntos menos no que dizia respeito ao seu próprio passado. Nunca falava sobre a sua vida antes de Londres, nem sobre a mãe de Jenny, por isso eu mantinha a esperança de que o que quer que fosse que Tom sabia pudesse ser elucidativo. E, para além disso, queria um amigo, é claro. Não queria um pai ou uma mãe, um tutor ou um percetor; tinha muitos desses. Apenas um amigo. E tinha esperança que fosse o Tom.

Agora nunca mais o será, é claro.

Vão enterrá-lo amanhã.

9 de Dezembro de 1735

i

O Sr. Digweed veio ver-me hoje de manhã. Bateu à porta, esperou pela minha resposta e teve de baixar a cabeça para entrar, porque o Sr. Digweed, para além de calvo, com uns olhos ligeiramente salientes e pálpebras cheias de veias, é alto e magro e a porta de entrada da nossa casa de emergência é muito mais baixa que as entradas em casa. A forma como tinha de se curvar ao se movimentar pela casa aumentava o seu ar de derrota, a sensação de ser um peixe fora de água aqui. Tinha sido o cavalheiro do meu pai desde antes de eu ter nascido, pelo menos desde que os Kenway se instalaram em Londres e, tal como todos nós, talvez até mais que o resto de nós, a Praça de Rainha Ana era o seu lar. O que fazia com que a sua dor fosse mais intensa era o sentimento de culpa. A sua culpa por estar fora na noite do ataque, a cuidar de assuntos familiares em Herefordshire. Ele e o nosso condutor tinham regressado na manhã após o ataque.

— Espero que consiga encontrar maneira de me perdoar, Menino Haytham — disse-me nos dias seguintes; tinha um ar pálido e carregado.

— Claro que sim, Digweed — disse eu, sem saber o que dizer a seguir. Nunca tinha estado à vontade em dirigir-me a ele pelo seu apelido, nunca me parecia bem na minha boca. Por isso, a única coisa que consegui acrescentar foi: — Obrigado.

Nesta manhã, a sua cara cadavérica apresentava a mesma expressão solene e eu conseguia perceber que, quaisquer que fossem as notícias, eram más.

— Menino Haytham — disse ele, de pé à minha frente.

— Sim... Digweed?

— Lamento imenso, Menino Haytham, mas trago uma mensagem da Praça de Rainha Ana, dos Barrett. Eles querem deixar claro que ninguém da família Kenway é bem-vindo no funeral do jovem Menino Thomas. Pedem com todo o respeito que não haja qualquer tipo de contacto.

— Obrigado, Digweed — disse eu e olhei para ele a fazer uma vénia curta e pesarosa, depois, ao sair curvou a cabeça para não bater na ombreira baixa da porta.

Fiquei ali de pé durante algum tempo, a olhar para o vazio do sítio onde ele tinha estado, até que Betty voltou para me ajudar a tirar o fato do funeral e vestir um normal.

ii

Numa tarde, há umas semanas, estava no andar de baixo, a brincar no pequeno corredor que saía da copa para a porta reforçada da sala dos faqueiros. Era na sala dos faqueiros que os valores da família estavam guardados: o faqueiro em prata que só via a luz do dia em ocasiões raras em que a mãe e o pai recebiam convidados; relíquias de família, as joias da mãe e alguns dos livros que o pai considerava de grande valor; livros insubstituíveis. Ele andava sempre com a chave para a sala dos faqueiros, numa argola presa ao cinto, e eu apenas o tinha visto confiar a chave ao Sr. Digweed, e apenas durante períodos curtos.

Gostava de brincar nesse corredor porque quase ninguém por lá passava, o que significava que nunca era interrompido pelas amas, que invariavelmente me mandavam levantar-me do chão sujo antes que rasgasse as calças, ou por outros serviçais bem-intencionados, que me interpelavam numa conversa educada e me obrigavam a responder a perguntas sobre a minha educação ou sobre os amigos que eu não tinha. Talvez até pudesse ser interrompido pela mãe ou pelo pai, que me mandavam levantar-me do chão sujo antes que rasgasse as calças *e depois* me obrigavam a responder a perguntas sobre a minha educação ou sobre os amigos que eu não tinha. Ou, pior que todos, interrompido por Jenny, que gozaria com o jogo que eu estivesse a jogar e, se fossem soldadinhos de chumbo, faria questão de pontapear maliciosamente os soldados um a um.

Não, a passagem entre a copa e a sala dos faqueiros era um dos poucos lugares na Praça de Rainha Ana onde eu podia evitar com segurança qualquer uma destas coisas, por isso era para lá que ia quando não queria ser incomodado.

À exceção desta ocasião, quando uma cara nova surgiu na pessoa do Sr. Birch, que entrou no corredor no momento em que eu começava a

colocar as minhas tropas. Tinha uma lamparina comigo, pousada no chão de pedra, e a chama do pavio ondulou e crepitou com a corrente de ar quando a porta do corredor se abriu. Do sítio onde estava no chão, vi a bainha da sua túnica e a ponta da sua bengala e, à medida que os meus olhos subiam para o ver a olhar para mim, perguntei-me se também ele teria uma espada escondida na sua bengala e se chocalharia, tal como fazia a do meu pai.

— Menino Haytham, estava com esperança de o encontrar aqui — disse, com um sorriso. — Diga-me, está ocupado?

Pus-me apressadamente de pé.

— Estou só a brincar, senhor — disse eu rapidamente. — Passa-se alguma coisa?

— Oh, não. — Ele riu-se. — Na verdade, a última coisa que quero fazer é perturbar o seu tempo de brincadeira, embora haja um assunto que gostava de discutir consigo.

— Com certeza — disse eu, acenando. O meu coração apertava-se na expectativa de mais uma rodada de perguntas a testar as minhas capacidades na aritmética. Sim, gostava de fazer somas. Sim, gostava de escrever. Sim, queria um dia ser tão esperto como o meu pai. Sim, um dia ia querer sucedê-lo no negócio da família.

Mas com um aceno de mão, o Sr. Birch mandou-me regressar ao meu jogo e até pôs a bengala de lado e puxou as calças para cima de modo a poder agachar-se ao meu lado.

— E o que temos aqui? — perguntou, apontando para as pequenas figuras de chumbo.

— É só um jogo, senhor — respondi.

— Então estes são os seus soldados? — inquiriu. — E qual deles é o comandante?

— Não há comandante, senhor — disse eu.

Soltou uma risada seca.

— Os seus homens precisam de um líder, Haytham. De que forma poderão eles saber qual o melhor plano de ação? Quem lhes irá inculcar um sentido de disciplina e objetivo?

— Não sei, senhor — disse eu.

— Tome — disse o Sr. Birch. Esticou-se para retirar um dos pequenos homens de chumbo do monte, limpou-o à manga e colocou-o de lado. — Talvez devêssemos fazer com que este cavalheiro aqui seja o líder; o que acha?

— Se for do seu agrado, senhor.

— Menino Haytham — o Sr. Birch sorriu —, este jogo é seu. Sou apenas um intruso, alguém com esperanças de que me mostre como se joga.

— Sim, senhor, então um líder seria excelente nesta situação.

Subitamente, a porta do corredor abriu-se novamente e olhei para cima, desta vez para ver o Sr. Digweed entrar. À luz da lamparina ondulante, vi-o trocar um olhar com o Sr. Birch.

— Os seus assuntos aqui podem esperar, Digweed? — disse o Sr. Birch rigidamente.

— Com certeza, senhor — disse o Sr. Digweed, curvando-se e retirando-se, fechando a porta atrás de si.

— Muito bem — continuou o Sr. Birch, virando de novo a sua atenção para o jogo. — Então vamos mover este cavalheiro aqui para o chefe da unidade, de modo a inspirar os seus homens para grandes feitos, para os guiar ao dar o exemplo e ensinar-lhes as virtudes da ordem, disciplina e lealdade. O que acha disso, Menino Haytham?

— Sim, senhor — disse eu, obedientemente.

— Há outra coisa, Menino Haytham — disse o Sr. Birch, esticando-se por entre os pés para mexer em mais um dos soldados de chumbo do monte, colocando-o de seguida ao lado do comandante oficial. — Um líder necessita de tenentes de confiança, é verdade ou não?

— Sim, senhor — concordei. Ficámos em silêncio durante algum tempo, durante o qual vi o Sr. Birch colocar sem grande cuidado mais dois tenentes junto do líder, uma pausa que se tornava cada vez mais desconfortável, até que eu disse, mais para quebrar o silêncio constrangedor do que para realmente discutir o inevitável:

— Senhor, queria falar-me sobre a minha irmã?

— Ora, você vai logo ao que interessa, Menino Haytham. — O Sr. Birch riu ruidosamente. — O seu pai é um excelente professor. Vejo que tem vindo a ensinar-lhe a destreza e a astúcia, entre outros, sem dúvida.

Não sabia ao certo o que ele queria dizer, por isso fiquei calado.

— Posso perguntar como anda a correr o seu treino de armas? — perguntou o Sr. Birch.

— Muito bem, senhor. Continuo a melhorar de dia para dia, segundo diz o pai — respondi eu orgulhosamente.

— Ótimo, ótimo. E o seu pai alguma vez lhe indicou o objetivo do seu treino? — perguntou.

— O pai diz que o meu treino verdadeiro irá começar no dia do meu décimo aniversário — repliquei.

— Bem, sabe-se lá o que tem ele para lhe dizer — disse ele franzindo o sobrolho. — Não tem mesmo ideia nenhuma? Nem uma pista tentadora?

— Não, senhor, não tenho — disse. — Apenas que me vai fornecer um caminho a seguir. Um credo.

— Estou a ver. É mesmo excitante. E ele nunca lhe deu nenhuma pista sobre o que esse “credo” possa ser?

— Não, senhor.

— Que fascinante. Aposto que mal pode esperar. E, entretanto, o seu pai já lhe deu alguma espada de adulto para que possa aprender a manusear, ou ainda usa os paus de treino em madeira?

De pé atrás, disse:

— Tenho a minha própria espada, senhor.

— Gostava muito de a ver.

— Está guardada no salão de jogos, senhor, num local seguro a que apenas o meu pai e eu temos acesso.

— Apenas o seu pai e vós? Quer dizer que também tem acesso a ela?

Corei, aliviado pela luz ténue no corredor, para que o Sr. Birch não conseguisse ver a vergonha na minha cara.

— O que eu quis dizer foi que sei onde a espada está guardada, não que eu saiba como chegar a ela — clarifiquei.

— Estou a ver. — O Sr. Birch sorriu. — É um local secreto, não é? Uma cavidade secreta na estante?

A minha cara deve ter dito tudo. Ele riu.

— Não se preocupe, Menino Haytham, o seu segredo vai ficar bem guardado.

Olhei para ele.

— Obrigado, senhor.

— De nada.

Levantou-se, esticou-se para pegar na bengala, sacudiu algum pó, verdadeiro ou imaginário, das suas calças e virou-se para a porta.

— Senhor, e a minha irmã? — disse eu. — Não chegou a perguntar-me sobre ela.

Ele parou, deu uma risada suave e despenteou-me com uma festa. Era um gesto que eu apreciava. Talvez por ser algo que o meu pai também fazia.

— Ah, mas não preciso. Disse-me tudo o que eu precisava de saber, jovem Menino Haytham — disse ele. — Sabe tão pouco sobre a bonita Jennifer como eu, e talvez seja essa a forma mais acertada das coisas. As mulheres devem ser um mistério para nós, não acha, Menino Haytham?

Não fazia a mínima ideia do que ele estava a dizer, mas sorri à mesma, e soltei um suspiro de alívio quando tinha novamente o corredor da sala dos faqueiros só para mim.

Pouco tempo depois da conversa com o Sr. Birch, estava eu noutra parte da casa a dirigir-me para o meu quarto quando, ao passar pelo escritório do pai, ouvi vozes exaltadas do seu interior. Era o pai e o Sr. Birch.

Com medo de ser descoberto, escondi-me demasiado longe para ouvir o que se estava a dizer, e ainda bem que me mantive afastado porque, no instante seguinte, a porta do escritório abriu-se violentamente e dela saiu o Sr. Birch. Estava furioso, a sua raiva era fácil de ver pela cor da sua face e olhos em brasa. Mas ver-me no corredor fê-lo conter-se, muito embora permanecesse agitado.

— Tentei, Menino Haytham — disse ele, e compôs-se, abotoando o casaco e preparando-se para sair. — Tentei avisá-lo.

E, com isto, colocou o tricorne na cabeça e saiu disparado. O meu pai apareceu à porta do escritório e lançou um olhar fulminante sobre o Sr. Birch e, embora tivesse sido claramente um encontro desagradável, era coisa de adultos e não me preocupei com isso.

Havia mais em que pensar. Apenas um dia depois, aconteceu o ataque.

Aconteceu na noite antes do meu aniversário. Estou a falar do ataque. Eu estava acordado, talvez por estar entusiasmado com o dia seguinte, mas também por ter o hábito de me levantar depois de a Edith sair do quarto, para me sentar no parapeito da janela e olhar lá para fora. Do meu posto conseguia ver gatos e cães ou até raposas a atravessar a erva pintada pela Lua. Ou, quando não estava à procura de animais, apenas via a noite; olhava para a Lua, para o tom cinzento esbatido que dava à erva e às árvores. A princípio pensei que estava a ver pirilampos ao longe. Sabia tudo sobre pirilampos, mas nunca os tinha visto. Tudo o que sabia era que se juntavam em nuvens e emitiam um brilho ténue. No entanto, rapidamente me apercebi de que a luz não era um brilho ténue de todo, mas, na realidade, se apagava e acendia alternadamente. Estava a ver um sinal.

Sustive a respiração. A luz a piscar parecia vir de perto da velha porta de madeira no muro, aquela onde tinha visto Tom naquele dia, e o meu primeiro pensamento foi que ele estaria a tentar contactar comigo. Agora parece estranho, mas não pensei por um segundo que o sinal fosse para outra pessoa que não eu. Estava demasiado ocupado a vestir um par de calças, a meter a camisa de dormir por dentro delas e a apertar os suspensórios

sobre os ombros. Vesti um casaco. Só conseguia pensar na aventura magnífica que estava prestes a ter.

E, é claro, agora percebo ao olhar para trás que, na mansão ao lado, o Tom deveria ser outro que gostava de se sentar no parapeito da janela a ver a vida noturna nos terrenos da sua casa. E, tal como eu, deve ter visto o sinal. E talvez até Tom tivesse tido o pensamento idêntico ao meu, que era eu a sinalizá-lo. E em resposta fez a mesma coisa que eu, saltou do seu poleiro e vestiu umas roupas para investigar...

Tinham aparecido duas caras novas na casa da Praça de Rainha Ana, um par de antigos soldados com cara de poucos amigos, contratados pelo pai. A razão que ele deu foi que precisava deles por ter recebido “informação”.

Só isso. “Informação”, era apenas o que dizia. E, na altura, eu interrogava-me como me interrogo agora sobre o que ele queria dizer com isso e se teria alguma coisa a ver com a conversa acesa que eu ouvira entre ele e o Sr. Birch. Fosse o que fosse, tinha visto pouco os dois soldados. Tudo o que sabia era que um estava destacado para a salinha na parte da frente da mansão, enquanto o outro permanecia perto da lareira na copa, supostamente para guardar a sala dos faqueiros. Era fácil evitar qualquer um deles à medida que descia pelas escadas para o andar de baixo e me escapava pela cozinha silenciosa e iluminada pela luz da Lua, que eu nunca vira tão escura, vazia e silenciosa.

E fria. Estava ofegante e tremi imediatamente, apercebendo-me do frio que fazia em comparação com o que eu pensava ser o pouco calor do meu quarto.

Havia uma vela junto à porta que eu acendi e, tapando a chama com uma mão, segurei-a para me iluminar ao sair para o pátio das cavalariças. E se achava que estava frio na cozinha, então na rua... era o tipo de frio que parecia que o mundo à nossa volta era tão frágil que se estava quase a rachar, tanto frio que me tirava a respiração, de tal maneira que hesitei e fiquei ali parado a pensar se conseguia aguentar para continuar.

Um dos cavalos relinchou e bateu com o casco e, por algum motivo, o barulho fez com que eu me decidisse, enviando-me em bicos de pés para lá dos canis por um muro lateral e por um portão grande em arco que levava ao pomar. Passei pelas macieiras despidas e espigadas, depois estava em céu aberto, dolorosamente consciente da mansão à minha direita, onde imaginava caras em todas as janelas: Edith, Betty, a mãe e o pai, todos a olharem para o exterior e a verem-me fora do quarto e a correr tresloucado na propriedade. É claro que não estava mesmo tresloucado, mas era o que eles diriam; era isso que Edith diria enquanto me repreendia e o que o pai diria quando me batesse com a bengala.

Mas, se estava à espera de um grito vindo da casa, não veio nenhum. Em vez disso, dirigi-me para o perímetro do muro, comecei a correr rapidamente ao longo dele e em direção à porta.

Ainda estava a tremer, mas, à medida que a minha excitação crescia, perguntava-me se o Tom teria trazido comida para um festim noturno: fiambre, bolo e biscoitos. Ah, e um cacau quente seria excelente também...

Um cão começou a ladrar do canil nos estábulos. Era *Thatch*, o bloodhound irlandês do pai. O barulho fez-me parar e agachei-me por debaixo dos ramos pendentes de um salgueiro, até que parou, tão repentinamente como tinha começado. Mais tarde compreenderia por que motivo ele tinha obviamente parado de forma tão abrupta. Mas não pensei nada na altura porque não tinha motivos para suspeitar que *Thatch* tinha sido degolado por um invasor. Hoje em dia achamos que eles eram cinco ao todo, que se esgueiraram para perto de nós com facas e espadas. Cinco homens a encaminharem-se para a mansão e eu nos terrenos, alheio a tudo.

Mas como podia eu saber? Era um rapaz idiota com a cabeça carregada de aventura e feitos heroicos, para não falar do pensamento no fiambre e bolo, e continuei pelo perímetro do muro até chegar ao portão.

Estava aberto.

O que esperava eu? Suponho que esperava que o portão estivesse fechado e que Tom estivesse do outro lado. Talvez um de nós pudesse trepar o muro. Talvez planeássemos trocar boatos com a porta entre nós. Só sabia que o portão estava aberto e comecei a ter a sensação de que algo estava errado, e, por fim, ocorreu-me que o sinal que tinha visto do meu quarto pudesse não ter sido para mim.

— Tom? — sussurrei.

Não havia som nenhum. A noite estava completamente sossegada. Não havia pássaros, animais, nada. Agora nervoso, estava prestes a virar-me para me ir embora quando vi algo. Um pé. Afastei-me mais do portão onde a passagem estava banhada pela luz cinzenta da Lua que dava um brilho sujo a tudo, incluindo a pele do rapaz estendido no chão.

Estava meio deitado, meio sentado, encostado contra a parede oposta, vestido quase da mesma maneira que eu, com um par de calças e uma camisa de noite. A única diferença era que ele não se tinha dado ao trabalho de meter a dele por dentro das calças e ela estava contorcida à volta das pernas, que se estendiam num ângulo estranho e pouco natural no chão cheio de socalcos e lama.

Era o Tom, claro. Tom, cujos olhos sem vida olhavam sem ver para mim debaixo da aba do seu chapéu, de banda na sua cabeça. Tom, com a luz da Lua a fazer brilhar o sangue que tinha escorrido à frente do golpe na sua garganta.

Os meus dentes começaram a tremer. Ouvi um choro e apercebi-me de que era eu próprio. Tinha a cabeça cheia de mil pensamentos em pânico.

Então começaram a acontecer coisas demasiado rápido para eu sequer me lembrar qual a ordem exata do sucedido, embora pense que começou com o barulho de vidros a partir e um grito vindo da casa.

Corre.

Tenho vergonha de admitir que as vozes, os pensamentos que corriam pela minha cabeça gritavam todos uma palavra em uníssono:

Corre.

E obedeci. Corri. Só que não na direção que as vozes queriam. Estaria eu a agir de acordo com o que o meu pai me ensinara, a ouvir os meus instintos, ou estaria eu a ignorá-los? Não sabia. Só sabia que, apesar de todas as fibras do meu ser parecerem querer que eu fugisse daquilo que eu sabia ser um terrível perigo, na verdade corri ao encontro dele.

Corri pelo pátio do estábulo e entrei pela cozinha adentro, quase nem parando para me aperceber do facto de a porta estar arrombada nas dobradiças. Vindo de algures no corredor, ouvi mais gritos, vi sangue no chão da cozinha e atravessei a porta em direção às escadas, onde encontrei outro corpo. Era um dos soldados. Estava estendido no corredor agarrado ao estômago, com as pálpebras a tremer descontroladamente e um fio de sangue a escorrer da boca enquanto ele se esvaía morto para o chão.

Enquanto passava por cima dele e corria para as escadas, o meu único pensamento era ir ter com os meus pais. Fui para o hall de entrada, que estava escuro mas cheio de gritos e sons de pés a correr, bem como com os primeiros tentáculos de fumo. Tentei localizar-me. De cima veio mais um grito e, ao levantar a cabeça, vi sombras a dançar na varanda e, por um instante, o brilho do aço nas mãos de um dos nossos assaltantes. Um dos criados do meu pai enfrentou-o no piso, mas a luz irregular fez com que não conseguisse ver o destino do pobre rapaz. Na verdade, ouvi e, com os meus pés, senti o baque molhado do seu corpo cair da varanda para o chão de madeira bem perto de mim. O assassino soltou um uivo de triunfo e eu conseguia ouvir passos em corrida à medida que este percorria o piso em direção aos quartos.

— Mãe! — gritei, correndo para as escadas no momento em que vi a porta dos meus pais escancarar-se e o meu pai irromper de encontro ao intruso. Trazia vestidas calças e os suspensórios estavam apertados por cima dos ombros despidos, com o cabelo solto e a esvoaçar. Numa mão segurava uma lamparina, na outra a sua espada.

— Haytham! — gritou assim que eu cheguei ao cimo das escadas. O intruso estava entre nós dois no patamar. Parou, virou-se para me ver e, à luz da lamparina do pai, consegui vê-lo completamente pela primeira

vez. Vestia calças, um colete-armadura de pele preta e uma pequena máscara que cobria metade da cara, como aquelas que se usam nos bailes de máscaras. Estava a mudar de direção. Em vez de subir de encontro ao pai, carregou de volta pelo patamar contra mim, a sorrir.

— Haytham! — gritou o pai de novo. Soltou-se da mãe e começou a correr pelo patamar atrás do intruso. A distância entre os dois fechou-se num instante, mas não ia chegar, e eu virei-me para fugir, dando de caras com um segundo homem a bloquear o meu caminho no fundo das escadas, de espada na mão. Estava vestido da mesma maneira que o primeiro, embora eu tivesse reparado numa diferença: as suas orelhas eram em bico e, com a máscara, faziam-no parecer-se com uma marioneta horrível e deformada. Fiquei imóvel por um momento, depois virei costas e vi que o homem sorridente atrás de mim se tinha virado para ir de encontro ao pai e as suas espadas cruzaram-se. O pai tinha deixado a lamparina para trás, e era no lusco-fusco que combatiam. Foi uma batalha curta e violenta, marcada por grunhidos e o tilintar do aço das espadas. Mesmo no calor e perigo do momento, desejava que houvesse luz suficiente para o ver convenientemente a combater.

Depois acabou, e o assassino sorridente já não estava a sorrir, largou a sua espada, tombou sobre o parapeito com um grito e caiu no chão lá em baixo. O intruso de orelhas pontiagudas já estava a meio das escadas mas mudou de ideias e deu meia-volta para fugir pelo hall de entrada.

Ouviu-se um grito no andar de baixo. Por cima do parapeito, vi um terceiro homem, também com uma máscara, que gesticulava para o homem de orelhas pontiagudas até que ambos desapareceram por debaixo do patamar. Olhei para cima e, através da luz ténue, vi uma expressão atravessar a cara do meu pai.

— A sala de jogo — disse ele.

E, no instante seguinte, antes que a mãe ou eu o pudéssemos parar, saltou por cima do parapeito para o hall de entrada no andar de baixo. A minha mãe gritou ao vê-lo saltar: — Edward — e a angústia na voz dela ecoava nos meus próprios pensamentos. Não. O meu único pensamento era que ele nos ia abandonar.

Porque nos está ele a abandonar?

A roupa de noite da mãe estava descomposta à sua volta enquanto ela corria pelo patamar na minha direção no cimo das escadas; a sua cara era o espelho do pânico. Atrás dela surgiu um outro assaltante, que apareceu das escadas no lado oposto do patamar e chegou até à mãe ao mesmo tempo que ela chegou até mim. Agarrou-a por trás com uma mão enquanto puxava a outra com a espada para a frente, pronto para atravessar a lâmina pela sua garganta exposta.

Não parei para pensar. Nem sequer pensei nisso a não ser muito mais tarde. Mas num único movimento dei um passo em frente, estiquei-me, apanhei a espada do assaltante morto nas escadas, levantei-a sobre a minha cabeça e, com as duas mãos, cravei-a na cara do homem antes que ele pudesse cortar a garganta dela.

A minha pontaria foi boa e a ponta da espada entrou pelo olho da máscara adentro. O seu grito rasgou a noite e ele afastou-se da mãe com a espada temporariamente enterrada no seu olho. Depois, a espada tombou quando ele caiu contra o parapeito, imobilizou-se por um momento, caiu de joelhos e para a frente, estando já morto antes de a cabeça bater no chão.

A mãe correu para os meus braços e enterrou a cabeça no meu ombro, mesmo enquanto eu agarrava na espada e pegava na mão dela para descermos as escadas. Quantas vezes me tinha o pai dito, de manhã a caminho do trabalho:

— Hoje és o homem da casa, Haytham, toma conta da mãe por mim.
— Agora, era mesmo.

Chegámos ao fundo das escadas, onde um silêncio estranho parecia ter-se abatido sobre a casa. O hall de entrada agora estava vazio e continuava escuro, embora estivesse iluminado por um sinistro brilho laranja. O ar começava a ficar espesso com o fumo mas, através da névoa, vi corpos: o assassino, o criado que tinha sido morto antes... e Edith, que jazia com a garganta aberta numa poça de sangue.

A mãe também viu Edith, soluçou e tentou puxar-me na direção das portas principais, mas a porta para o salão de jogos estava entreaberta e, lá de dentro, conseguia ouvir o som de um combate de espadas. Eram três homens, um deles o meu pai.

— O pai precisa de mim — disse eu, tentando soltar-me da mãe, que percebeu o que eu estava prestes a fazer e me puxou com mais intensidade. Então, retirei a mão com tanta força que ela caiu para o chão.

Durante um instante estranho, vi-me dividido entre ajudar a mãe a levantar-se e pedir desculpa face ao seu estado no chão — estava no chão por minha causa — ser tão chocante. Mas depois ouvi um grande grito vindo do salão de jogos e foi o suficiente para me levar a atravessar a porta.

A primeira coisa que vi foi o compartimento da estante aberto e conseguia ver a caixa com a minha espada lá dentro. Fora isso, a sala estava como sempre, desde a última sessão de treino, com a mesa de bilhar tapada e encostada a um lado para dar espaço para eu treinar; ali, onde anteriormente nesse dia eu tinha sido treinado e repreendido pelo pai.

Onde o pai estava agora ajoelhado, moribundo.

Sobre ele estava um homem com a espada cravada até ao punho no peito do meu pai, a lâmina a sair pelas costas a pingar sangue para o chão

de madeira. Não muito longe estava o homem de orelhas pontiagudas, com um grande golpe a atravessar-lhe a cara. Tinham sido precisos dois deles para derrotar o pai, e mesmo assim tinha sido por pouco.

Saltei sobre o assassino, que foi apanhado de surpresa e não teve tempo para recuperar a sua espada do peito do meu pai. Em vez disso, afastou-se para evitar a minha espada, largando a sua ao mesmo tempo que o pai tombava no chão.

Como um idiota, continuei atrás do assassino, esqueci-me de proteger o flanco e o que vi de seguida foi um súbito movimento pelo canto do olho à medida que o homem de orelhas pontiagudas gingava para a frente. Não sei se fora intenção sua ou se calculou mal o golpe, mas em vez de me atacar com a lâmina, acertou-me com o cabo, e a visão ficou branca e a minha cabeça bateu em algo que demorei um segundo a perceber ser a perna da mesa de bilhar. Estava no chão, zozzo, esticado em frente ao pai, que jazia de lado com o cabo da espada ainda espetado pelo peito. Ainda havia vida nos seus olhos, apenas uma réstia, e as suas pálpebras tremeram por um instante, como se estivesse a tentar focar, a perceber que era eu. Durante um segundo, mantivemo-nos frente a frente, dois homens feridos. Os seus lábios moviam-se. Por entre uma nuvem negra de dor e mágoa, vi a sua mão esticar-se para mim.

— Pai — disse eu. Depois, no instante seguinte, o assassino aproximou-se e, sem parar, dobrou-se e retirou a sua espada do corpo do pai. O pai tremeu, o seu corpo arqueou num último espasmo de dor e os seus lábios abriram-se para mostrar os dentes ensanguentados. Morrerá.

Senti uma bota de lado que me virou de costas e olhei nos olhos do assassino do meu pai, agora o meu assassino que, com um sorriso, levantou a espada com as duas mãos, prestes a cravá-la em mim.

Se me envergonha contar que as minhas vozes internas me tinham mandado fugir apenas uns momentos antes, então orgulho-me de contar que agora estavam em silêncio, que eu enfrentava a minha morte com dignidade e sabendo que tinha feito o meu melhor pela minha família, grato por em breve me juntar ao meu pai.

Mas é claro que isso não iria acontecer. Não é um fantasma que escreve estas palavras. Algo chamou a minha atenção, era a ponta de uma espada que apareceu entre as pernas do assassino e, no mesmo instante, foi empurrada para cima, abrindo o seu tronco da virilha para cima. Desde então apercebi-me de que a direção do ataque tinha menos a ver com barbárie e mais a ver com a necessidade de afastar o assassino de cima de mim, para não o empurrar. Mas foi realmente bárbaro, ele gritou cortado ao meio, com sangue a jorrar e as entranhas caídas no chão devido ao golpe, seguidas do seu corpo sem vida.

Atrás dele estava o Sr. Birch.

— Está bem, Haytham? — perguntou.

— Sim, senhor — arfei.

— Excelente — disse ele, depois girou com a espada erguida para interceptar o homem de orelhas pontiagudas, que se atirou a ele de espada em riste.

Pus-me de joelhos, agarrei numa espada caída e ergui-me, pronto para me juntar ao Sr. Birch, que tinha levado o homem de orelhas pontiagudas a recuar até à entrada do salão de jogos. Subitamente, o assaltante viu qualquer coisa — algo fora do meu campo de visão atrás da porta — e gingou para o lado. No segundo seguinte, o Sr. Birch recuava com a mão esticada para me impedir de avançar, enquanto o homem de orelhas pontiagudas aparecia novamente. Desta vez tinha um refém. Não era a minha mãe, como eu inicialmente temia. Era Jenny.

— Afastem-se — rosnava o Orelhas Pontiagudas. Jenny choramingava e os seus olhos estavam arregalados devido à lâmina contra a sua garganta.

Posso admitir... posso admitir que naquele momento me importava mais vingar a morte do meu pai do que proteger Jenny?

— Fiquem aí — repetiu o homem das orelhas pontiagudas, puxando Jenny para trás. A bainha do seu vestido de noite estava preso à volta dos tornozelos e os calcanhares arrastavam-se no chão. Subitamente, outro homem mascarado juntou-se a eles empunhando uma tocha em chamas. O hall de entrada estava agora quase cheio de fumo. Conseguia ver as chamas vindas de outra parte da casa, a queimarem as portas da salinha. O homem com a tocha correu para os cortinados, encostou-lhes a chama e mais uma parte da casa começou a arder à nossa volta. O Sr. Birch e eu não tínhamos qualquer hipótese de o impedir.

Vi a minha mãe do canto do olho e agradeci a Deus por estar bem. Jenny, no entanto, era outra conversa. Ao ser arrastada na direção da porta da mansão, os seus olhos estavam fixos em mim e no Sr. Birch como se fôssemos a sua última esperança. O assaltante com a tocha juntou-se ao companheiro, empurrou a porta para a abrir e correu na direção de uma carruagem que eu conseguia ver na rua.

Durante um momento, pensei que poderiam libertar Jenny, mas não. Começou a gritar à medida que era arrastada para a carruagem e metida dentro dela, e continuava a gritar quando um terceiro homem mascarado no lugar do condutor sacudiu as rédeas, usou o chicote e a carruagem partiu ruidosamente pela noite dentro, deixando-nos à nossa sorte para escaparmos da nossa casa em chamas e arrastarmos os nossos mortos para longe das garras do fogo.

10 de Dezembro de 1735

i

Embora tenhamos enterrado o pai hoje, o primeiro pensamento que tive quando acordei hoje de manhã não foi sobre ele ou o funeral, foi sobre a sala dos faqueiros na Praça de Rainha Ana.

Eles não tinham tentado entrar nessa sala. O pai tinha contratado os dois soldados por estar preocupado com um assalto, mas os assaltantes tinham subido ao andar de cima sem sequer se darem ao trabalho de tentar saquear a sala dos faqueiros.

O motivo era porque o seu objetivo era Jenny, era por isso. E matar o pai? Faria parte do plano?

Isto eram os meus pensamentos quando acordei num quarto gelado, o que não é fora do comum. Na verdade é um acontecimento diário. Mas o quarto de hoje estava especialmente frio. O género de frio que faz doer os dentes, que chega aos ossos. Olhei para a lareira, perguntando-me qual o motivo de não vir calor do fogo, até ter reparado que estava apagado e a grade da lareira cinzenta e poeirenta das cinzas.

Trepei para fora da cama e fui para onde havia uma camada grossa de gelo do lado de dentro da janela, impedindo-me de ver lá para fora. Com falta de ar do frio, vesti-me, saí do quarto e espantei-me pelo silêncio que parecia haver na casa. Pé ante pé até ao andar de baixo, fui até ao quarto da Betty, bati à porta suavemente, depois com um pouco mais de força. Como ela não respondeu, parei para decidir o que fazer, com um nervoso miudinho por ela a remoer-me o estômago. Quando continuava a não

responder, ajoelhei-me para olhar pelo buraco da fechadura, rezando para não ver nada que não devesse.

Estava a dormir numa das duas camas do seu quarto. A outra estava vazia e perfeitamente arrumada, embora houvesse um par do que pareciam ser botas de homem com uma tira de prata no calcanhar aos pés da cama. Olhei de novo para Betty e, por um instante, fiquei a vê-la enquanto o cobertor que a tapava subia e descia; então deixei-a dormir e endireitei-me.

Entrei para a cozinha, onde a Sra. Searle se assustou um pouco quando entrei, olhou-me de alto a baixo com um ligeiro ar de reprovação, depois voltou para o seu trabalho na tábua de cortar. Não é que eu e a Sra. Searle nos tivéssemos desentendido, ela apenas via todas as pessoas com desconfiança e ainda mais desde o ataque.

— Ela não é do género de pessoa que se condoa com os outros — dissera-me Betty numa tarde. Isso era outra coisa que tinha mudado desde o ataque: Betty tinha-se tornado muito mais frontal e de vez em quando largava dicas sobre como se sentia verdadeiramente em relação às coisas. Por exemplo, eu nunca me tinha apercebido de que ela e a Sra. Searle não se entendiam, nem fazia ideia que Betty via o Sr. Birch com suspeitas. Mas via.

— Não sei porque está ele a tomar decisões em nome dos Kenway — tinha murmurado sombriamente ontem. — Ele não é um membro da família. Duvido que alguma vez venha a ser.

De alguma forma, saber que Betty não tinha a Sra. Searle em grande conta fazia com que a governanta fosse menos autoritária aos meus olhos e, enquanto anteriormente eu teria pensado duas vezes antes de me aventurar pela cozinha sem avisar e pedir comida, agora não tinha problemas desses.

— Bom-dia, Sra. Searle — disse eu.

Fez-me um pequeno aceno. A cozinha estava fria só com ela lá dentro. Na Praça de Rainha Ana, a Sra. Searle tinha pelo menos três assistentes, para não falar dos restantes serviços variados que entravam e saíam a voar pelas grandes portas duplas da cozinha. Mas isso tinha sido antes do ataque, quando tínhamos a casa a funcionar em pleno, e não há nada como uma invasão de homens mascarados a brandir espadas para fazer desaparecer os serviços. A maioria nem sequer regressara no dia seguinte.

Agora havia apenas a Sra. Searle, a Betty, o Sr. Digweed, uma camareira chamada Emily e a Srta. Davy que era a aia da mãe. Eram o que restava do pessoal que cuidava dos Kenway. Ou, melhor dizendo, dos Kenway que sobravam. Agora era apenas eu e a mãe.

Quando saí da cozinha, fi-lo com uma fatia de bolo embrulhada num pano, cedida pela Sra. Searle com um ar azedo, que, sem dúvida, reprovava as minhas deambulações pela casa tão cedo de manhã à procura de comida antes do pequeno-almoço que ela estava a preparar. Gosto da Sra. Searle

e, visto que ela é um dos poucos membros do pessoal que ficou connosco depois daquela noite horrível, passei a gostar ainda mais dela, mas mesmo assim... Agora há outras coisas com que me preocupar. O funeral do pai. E a mãe, é claro.

Então dei por mim no hall de entrada a olhar para o interior da porta da frente e, num instante, abri a porta. Sem pensar, pelo menos sem pensar muito, saí para os degraus lá fora e para um mundo coberto de gelo.

ii

— Então, que raio planeia fazer numa manhã tão fria, Menino Haytham?

Uma carruagem tinha acabado de se aproximar da entrada da casa e à janela estava o Sr. Birch. Trazia um chapéu mais pesado que o habitual e um cachecol por cima do nariz de modo que, à primeira vista, parecia um bandido.

— Estou só a ver, senhor — disse eu a partir dos degraus.

Puxou o cachecol para baixo, tentando sorrir. Quando antes ria, fazia-o com um brilho nos olhos. Agora eram como as brasas frias de um fogo a apagar-se, tentando inutilmente gerar algum calor, tão esforçados e cansados como a sua voz quando falou:

— Julgo saber o que anda à procura, Menino Haytham.

— O que é, senhor?

— O caminho para casa?

Pensei sobre isso e apercebi-me de que ele estava certo. O problema era que eu tinha vivido os primeiros dez anos da minha vida orientado pelos pais e amas. Embora eu soubesse que a Praça de Rainha Ana estava perto, até mesmo a uma distância para ir a pé, não fazia ideia como lá chegar.

— E estava a planear fazer uma visita? — perguntou.

Encolhi os ombros, mas a verdade era que sim, tinha-me imaginado na carcaça da minha antiga casa. Lá, no salão de jogos. Tinha-me imaginado a recuperar...

— A sua espada?

Acenei.

— Lamento, mas é demasiado perigoso entrar na casa. Gostaria de lá ir fazer uma visita, de qualquer forma? Pelo menos pode vê-la. Venha para aqui dentro, está mais frio aí fora que o focinho de um galgo.

Não vi nenhum motivo para não o fazer, especialmente quando ele surgiu com um chapéu e uma capa de dentro da carruagem.

Quando nos aproximámos da casa alguns instantes depois, não parecia nada como eu imaginava. Não, era muito, muito pior. Era como

se um punho gigante divino tivesse martelado a casa de cima, esmagando o telhado e o chão por baixo dele, rasgando um enorme buraco no meio da casa. Já não era bem uma casa, parecia mais um recorte de uma.

Pelas janelas partidas, podíamos ver o hall de entrada e acima, através dos pisos destruídos no corredor, três andares acima, todos eles mascarados de fuligem. Conseguia ver mobília que reconheci, enegrecida e chamuscada, retratos queimados tortos nas paredes.

— Lamento, é mesmo demasiado perigoso para entrar, Menino Haytham — disse o Sr. Birch.

Após um minuto, levou-me de volta para a carruagem, bateu no tejadilho da carruagem com a bengala duas vezes e afastámo-nos.

— No entanto — disse o Sr. Birch —, tomei a liberdade de recuperar a sua espada ontem — e, dobrando-se por debaixo do assento, surgiu com a caixa. Também ela estava coberta de fuligem, mas quando ele a colocou no colo e abriu a tampa, a espada estava no seu interior, tão reluzente como no dia em que o pai ma oferecera.

— Muito obrigado, Sr. Birch — foi a única coisa que consegui dizer enquanto ele fechava a caixa e a colocava no assento entre nós dois.

— É uma bela espada, Haytham. Não tenho dúvidas que a irá estimar.

— Irei, senhor.

— E quando será que ela vai provar sangue?

— Não sei, senhor.

Ficámos em silêncio. O Sr. Birch prendeu a bengala entre os joelhos.

— Na noite do ataque, matou um homem — disse ele, virando a cabeça para olhar pela janela. Passámos por casas que quase não se viam, flutuando por entre uma nuvem de fumo e ar gélido. Ainda era cedo. As ruas estavam em silêncio. — Como se sentiu, Haytham?

— Estava a proteger a mãe — disse eu.

— Foi a única opção possível, Haytham — assentiu ele, acenando — e tomou a atitude certa. Nunca pense por um segundo nada em contrário. Mas ter sido a única opção não muda o facto de que matar um homem não é de pouca monta. Para ninguém. Nem sequer para o seu pai. Nem para mim. Mas especialmente não para um rapaz de tenra idade.

— Não senti tristeza pelo que fiz. Apenas agi.

— E tem pensado nisso desde então?

— Não, senhor. Tenho pensado apenas no pai e na mãe.

— E na Jenny...? — disse o Sr. Birch.

— Oh. Sim, senhor.

Ficámos em silêncio e quando ele falou outra vez, a sua voz era seca e solene.

— Temos de a encontrar, Haytham — disse ele.

Não disse nada.

— Tenciono partir para a Europa onde acreditamos que está cativa.

— Como sabe que está na Europa, senhor?

— Haytham, sou membro de uma organização influente e importante. Uma espécie de clube ou sociedade. Uma das muitas vantagens em ser membro é que temos olhos e ouvidos em todo o lado.

— Como se chama, senhor? — perguntei.

— Os Templários, Menino Haytham. Eu sou um Cavaleiro Templário.

— Um Cavaleiro? — disse eu, olhando para ele com atenção.

Soltou uma risada.

— Talvez não propriamente o tipo de Cavaleiro que está a pensar, Haytham, uma relíquia da Idade Média, mas os nossos ideais mantêm-se os mesmos. Tal como os nossos antepassados partiram há séculos para espalhar a paz por toda a Terra Santa, também nós somos o poder invisível que ajuda a manter a paz e a ordem nos nossos tempos. — Acenou com a mão na janela, onde as ruas já estavam mais movimentadas. — Tudo isto, Haytham, requer estrutura e disciplina, e estrutura e disciplina requerem um exemplo a seguir. Os Cavaleiros Templários são esse exemplo.

Tinha a cabeça à roda.

— E onde se encontram? O que fazem? Têm uma armadura?

— Mais tarde, Haytham. Mais tarde conto-lhe mais.

— Então o pai era um membro? Era um Cavaleiro? — O meu coração pulava. — Ele estava a treinar-me para ser um?

— Não, Menino Haytham, não era. Receio que, segundo percebo, ele apenas o estava a treinar na esgrima de modo a que... bom, a sua mãe estar viva comprova que as lições foram valiosas. Não, o meu relacionamento com o seu pai não assentava na minha posição na Ordem. Fico feliz por dizer que fui contratado por ele devido às minhas capacidades na gestão de bens acima de quaisquer ligações secretas. No entanto, ele sabia que eu era um Cavaleiro. Afinal, os Templários têm ligações poderosas e ricas e estas podem, por vezes, ser úteis nos nossos negócios. O seu pai pode não ter sido membro, mas era suficientemente astuto para ver a vantagem destas ligações: uma palavra amigável, a transmissão de informações úteis — respirou fundo —, uma das quais foi o aviso do ataque à Praça de Rainha Ana. Eu disse-lhe, é claro. Perguntei-lhe porque teria sido ele definido como alvo, mas ele ridicularizou a ideia, talvez dissimuladamente. Discutimos sobre isso, Haytham. Subimos o tom de voz, mas agora só desejava ter sido ainda mais insistente.

— Foi aquela discussão que ouvi? — perguntei.

Olhou de lado para mim.

— Então ouviu, não foi? Espero que não estivesse a escutar às portas.

— O tom da sua voz fez-me ficar ainda mais grato por não o ter feito.

— Não, Sr. Birch, ouvi vozes exaltadas, foi tudo.

Olhou intensamente para mim. Convencido de que eu dizia a verdade, virou-se para a frente.

— O seu pai era tão teimoso como insondável.

— Mas não ignorou o aviso, senhor. Afinal contratou os soldados.

O Sr. Birch suspirou.

— O seu pai não levou a ameaça a sério e não teria feito nada. Quando não me quis ouvir, eu decidi informar a sua mãe. Foi na insistência dela que ele contratou os soldados. Hoje desejava ter substituído esses homens por outros das nossas fileiras. Não teriam sido acossados com tanta facilidade. A única coisa a fazer agora é encontrar a filha dele por ele e castigar os responsáveis. Para fazer isso, preciso de saber porquê, qual era o objetivo do ataque. Diga-me, o que sabe sobre ele antes de se ter sediado em Londres, Menino Haytham?

— Nada, senhor — respondi.

Deu uma gargalhada seca.

— Bom, então somos dois. Aliás, mais do que dois. A sua mãe também não sabe quase nada.

— E Jenny, senhor?

— Ah, a igualmente insondável Jenny. Tão frustrante como era bonita, tão insondável como era adorável.

— “Era”, senhor?

— É uma forma de expressão, Menino Haytham, pelo menos espero com todo o coração. Continuo a ter esperança que Jenny se encontre a salvo nas mãos dos seus raptadores, com utilidade para eles apenas se estiver viva.

— Acha que foi raptada pelo resgate?

— O seu pai era muito rico. A sua família pode muito bem ter sido escolhida pela vossa riqueza e a morte do seu pai não ter estado nos planos deles. É, sem dúvida, possível. Temos homens a investigar essa possibilidade neste momento. Da mesma forma, a missão pode ter sido assassinar o seu pai e também temos homens a investigar essa possibilidade. Bom, eu, porque é claro que o conhecia bem e saberia se ele tivesse inimigos: quero dizer inimigos com os recursos para porem em prática um ataque destes, e não inquilinos descontentes. Mas não cheguei a uma única possibilidade que me leve a acreditar que o objetivo pudesse ter sido um acerto de contas. Se assim for, então teria de ser um ódio de há muito tempo, algo que tenha a ver com a sua vida antes de Londres. Sendo Jenny a única que o conhecia antes de Londres, poderia saber a resposta, mas o que ela sabia levou

consigo e está agora nas mãos dos raptos. De qualquer forma, Haytham, nós temos de a encontrar.

Havia qualquer coisa na maneira como ele disse “nós”.

— Como já disse, pensa-se que ela tenha sido levada para algum lado na Europa, portanto é na Europa que iremos efetuar as nossas buscas por ela. E por “nós”, quero dizer nós os dois, Haytham.

— Senhor? — Tentei responder. Mal queria acreditar no que estava a ouvir.

— É isso mesmo — disse ele — Vai viajar comigo.

— A mãe precisa de mim, senhor. Não a posso deixar aqui.

O Sr. Birch olhou para mim de novo, sem compaixão nem malícia no olhar.

— Haytham — disse —, receio que a decisão não seja sua.

— É para a mãe decidir — insisti eu.

— Bom, quase.

— O que quer dizer, senhor?

Ele suspirou.

— Quero dizer, já falou com a sua mãe desde a noite do ataque?

— Ela tem estado demasiado perturbada para ver seja quem for à exceção da Srta. Davy ou de Emily. Tem ficado no quarto e a Srta. Davy diz que me convoca quando ela me puder ver.

— Quando a vir, vai notar que está diferente.

— Senhor?

— Na noite do ataque, a Tessa viu o seu marido morrer e o seu filho matar um homem. Estas coisas vão provocar um impacto profundo nela, Haytham. Ela pode não voltar a ser a pessoa de que se lembra.

— Mais um motivo para ela precisar de mim.

— Talvez o que ela precise seja de ficar bem, Haytham, possivelmente com o mínimo de lembranças daquela noite terrível por perto.

— Compreendo, senhor — disse.

— Lamento que isto seja chocante, Haytham. — Franziu o sobrolho. — E é claro que posso muito bem estar enganado, mas tenho tratado dos negócios do seu pai desde a sua morte e temos estado a fazer preparativos com a sua mãe. Tive a oportunidade de a ver em primeira mão e acho que não estou enganado. Desta vez não.

iii

A mãe chamou por mim pouco antes do funeral.

Quando Betty, que se tinha enchido de desculpas envergonhadas por

aquilo que ela chamou de “o seu hóspede”, me avisou, o meu primeiro pensamento foi que a mãe tinha mudado de ideias acerca de eu ir para a Europa com o Sr. Birch, mas estava enganado. Fui disparado até ao seu quarto, bati à porta e mal a ouvi mandar-me entrar. A sua voz agora era fraca e rouca, completamente diferente do que fora outrora, quando era suave mas decidida. Lá dentro, estava sentada à janela, e a Srta. Davy estava a mexer nas cortinas. Apesar de ser dia, havia pouca claridade lá fora, no entanto, a mãe acenava a mão em frente à cara, como se um pássaro irritante a estivesse a incomodar, e não uns raios cinzentos do Sol de inverno. A Srta. Davy conseguiu finalmente satisfazer a mãe e, com um sorriso cansado, pediu-me para me sentar.

A mãe virou a cabeça para mim muito lentamente, fitou-me e esboçou um sorriso forçado. O assalto tinha sido devastador para ela. Era como se toda a sua vida tivesse sido sugada de si, como se tivesse perdido a luz que sempre tivera, quer sorrisse ou estivesse zangada ou, como o pai costumava dizer, com o coração nas mãos. Agora o sorriso escapava-se lentamente dos lábios, que voltavam a descansar num franzir vazio, como se tentasse, mas já não tivesse forças para manter qualquer tipo de fingimento.

— Sabes que não vou ao funeral, Haytham? — disse secamente.

— Sim, mãe.

— Desculpa-me. Desculpa-me, Haytham, por favor, mas não tenho forças suficientes.

Normalmente nunca me tratava por Haytham. Tratava-me por “querido”.

— Sim, mãe — disse eu, sabendo que tinha, tinha forças suficientes. “A tua mãe tem mais genica que qualquer homem que eu tenha conhecido, Haytham” costumava dizer o pai.

Eles tinham-se conhecido pouco depois de se terem mudado para Londres e tinha sido ela a persegui-lo.

— Como uma leoa em perseguição da sua presa — tinha brincado o pai —, uma imagem que tanto fazia gelar o sangue como era digna de espanto. — E ganhara uma pancada por causa dessa piada em particular, o tipo de piada que nos fazia achar ter alguma parte de verdade.

Ela não gostava de falar sobre a sua família. “De bem com a vida” era tudo o que eu sabia. E Jenny uma vez sugeriu que eles a tinham deserddado por causa da sua relação com o pai. É óbvio que nunca soube porquê. Na rara ocasião em que eu incomodava a mãe sobre a vida do pai antes de Londres, ela ria misteriosamente. Ele dir-me-ia quando estivesse pronto. Sentado no quarto dela, apercebi-me de que pelo menos parte da mágoa que eu sentia era a dor de saber que nunca iria ouvir aquilo que o pai tinha planeado contar-me no meu aniversário. Quero esclarecer que era apenas

uma ínfima parte da mágoa, insignificante quando comparada com a mágoa de perder o pai e a dor de ver a mãe naquele estado. Estava tão... reduzida. Faltava-lhe tanto daquela genica de que o pai falava.

Talvez a verdade fosse que a fonte da sua força fosse ele. Talvez a carnificina daquela noite horrível tivesse simplesmente sido de mais para ela absorver. Dizem que acontece com soldados. Ficam com “coração de soldado” e tornam-se fantasmas do que eram antes. A matança muda-os de alguma forma. Seria esta a situação da mãe? Só podia imaginar.

— Desculpa-me Haytham — acrescentou.

— Está tudo bem, mãe.

— Não. Quero dizer, deves ir para a Europa com o Sr. Birch.

— Mas faço falta aqui, consigo. Para tomar conta de si.

Deu uma risada.

— O soldadinho da mamã, não é? — E encarou-me com um olhar estranho. Eu sabia exatamente por onde navegava a sua mente. De volta ao que tinha acontecido nas escadas. Via-me cravar uma espada no olho do atacante mascarado.

Então afastou os olhos, deixando-me quase sem ar da emoção crua do seu olhar.

— Tenho a Srta. Davy e a Emily para tomarem conta de mim, Haytham. Quando fizerem as reparações na Praça de Rainha Ana, vamos poder mudar-nos de volta e posso contratar mais pessoal. Deveria ser eu a tomar conta de ti e nomeei o Sr. Birch controlador geral e teu tutor, para que se tome conta de ti adequadamente. Era o que o teu pai queria.

Olhou confusa para o cortinado, como se tentasse lembrar-se porque estava fechado.

— Segundo sei, o Sr. Birch ia falar contigo para partirem para a Europa de imediato.

— Ele falou, sim, mas...

— Ótimo. — Olhou para mim. Mais uma vez, havia qualquer coisa de estranho naquele olhar. Apercebi-me de que ela já não era a mãe que eu conhecia. Ou teria eu deixado de ser o filho que ela conhecia?

— É pelo melhor, Haytham.

— Mas, mãe...

Olhou para mim, depois fugiu rapidamente com o olhar.

— Vais e não há mais discussão — disse ela com firmeza, voltando a olhar para os cortinados. Olhei para a Srta. Davy como se à procura de ajuda, mas não encontrei nenhuma. Em vez disso, fez-me um sorriso complacente, um levantar de sobrancelha, uma expressão que dizia “Lamento, Haytham, não há nada que possa fazer, ela já se decidiu” e o quarto ficou em silêncio, sem som à exceção do barulho dos cascos dos cavalos vindo

do exterior, um mundo que continuava a girar, abstraído do facto de o meu mundo estar a ser dilacerado.

— Estás dispensado, Haytham — disse a mãe, com um aceno de mão.

Antes — quero dizer antes do ataque —, ela nunca me tinha “convocado”. Nem “dispensado”. Antes, nunca me tinha deixado ir embora sem pelo menos um beijo e dizia que me amava pelo menos uma vez por dia.

Enquanto me levantava, ocorreu-me que ela não tinha dito nada sobre o que tinha acontecido nas escadas nessa noite. Nunca me chegou a agradecer por lhe ter salvo a vida. Parei junto à porta e virei-me para olhar para ela, perguntando-me se ela desejaria que o desfecho tivesse sido diferente.

iv

O Sr. Birch acompanhou-me até ao funeral, uma cerimónia pequena e informal na mesma capela que tínhamos usado para a Edith, com quase as mesmas presenças: os membros da casa, o Velho Sr. Fayling, e uns poucos membros do pessoal do trabalho do pai, com quem o Sr. Birch falou a seguir. Apresentou-me a um deles, o Sr. Simpkin, um homem que parecia estar na casa dos trinta e que, segundo me tinham dito, iria tratar dos negócios da família. Fez uma pequena vénia e olhou-me de um modo que tenho começado a reconhecer como uma mistura de desconforto e pena, ambos sentimentos a debaterem-se para encontrarem uma expressão adequada.

— Tratarei com a sua mãe enquanto estiver na Europa, Menino Haytham — assegurou-me ele.

Caí em mim que iria realmente, que não tinha escolha, nenhuma opinião a dar sobre o assunto. Bom, mas suponho que tenho escolha. Podia fugir. Não é que fugir pareça uma escolha, por assim dizer.

Fomos todos de carruagem para casa. A andar pela casa, vi Betty, que olhou para mim e me fez um sorriso forçado. Parecia que as notícias sobre mim se espalhavam. Quando lhe perguntei o que planeava fazer, disse-me que o Sr. Digweed tinha-lhe encontrado outro emprego. Quando olhou para mim, os seus olhos brilharam com lágrimas e, quando deixou o quarto, sentei-me na minha secretária para escrever no meu diário com o coração pesado.

11 de Dezembro de 1735

i

Partimos para a Europa amanhã de manhã. É espantoso como não são necessários preparativos quase nenhuns. É como se o incêndio tivesse cortado todas as minhas ligações à minha vida antiga. As poucas coisas que me sobraram mal enchiam duas malas, que foram levadas hoje de manhã. Hoje é suposto escrever cartas e também encontrar-me com o Sr. Birch para lhe contar algo que aconteceu na noite passada, depois de ir para a cama.

Estava quase a dormir quando ouvi uma batida suave na porta. Sentei-me e disse para entrar, totalmente à espera que fosse Betty.

Não era. Vi os contornos de uma rapariga, que entrou rapidamente dentro do quarto e fechou a porta atrás de si. Elevou uma vela para que eu lhe pudesse ver a cara e o dedo à frente dos lábios. Era a Emily, Emily de cabelos loiros, a camareira.

— Menino Haytham — disse ela —, tenho algo para lhe contar, algo que me tem pesado na consciência, senhor.

— Com certeza — disse eu, na esperança de que a minha voz não revelasse que subitamente me sentia muito novo e vulnerável.

— Eu conheço a criada dos Barrett — disse apressadamente. — A Violet foi uma das que veio para fora de casa naquela noite. Estava perto da carruagem em que a sua irmã foi levada, senhor. Quando passaram por ela para a levarem na carruagem, a Srta. Jenny cruzou o olhar com a Violet e disse-lhe uma coisa rapidamente, e a Violet disse-me a mim.

— O que foi? — perguntei.

— Foi muito rápido, senhor, e havia muito barulho. Antes que ela

conseguisse falar mais, foi levada para dentro da carruagem, mas o que a Violet pensa ter ouvido foi “Traidor”. No dia seguinte, houve um homem que veio falar com a Violet, um homem com um sotaque do Condado Oeste, segundo ela, que queria saber o que ela tinha ouvido. Mas a Violet disse que não tinha ouvido nada, mesmo quando o senhor a ameaçou. Ele apontou-lhe uma faca assustadora, senhor, que tirou do cinto. Mas mesmo assim, ela não disse nada.

— Mas ela disse-lhe a si?

— A Violet é minha irmã, senhor. Preocupa-se comigo.

— Disse isto a mais alguém?

— Não, senhor.

— Vou contar ao Sr. Birch de manhã — disse eu.

— Mas, senhor...

— O quê?

— E se o traidor for o Sr. Birch?

Soltei uma risada e abanei a cabeça.

— Não é possível. Ele salvou-me a vida. Ele estava lá a lutar com... —

Lembrei-me de algo — Mas houve uma pessoa que não estava lá.

ii

É claro que mandei avisar o Sr. Birch mal tive oportunidade hoje de manhã e ele chegou à mesma conclusão que eu.

Uma hora depois, chegou outro homem, que foi levado para o escritório. Tinha mais ou menos a mesma idade que o meu pai e tinha uma cara envelhecida, devido a cicatrizes e ao frio, com o olhar penetrante de uma espécie de vida marinha. Era mais alto e mais largo que o Sr. Birch, e parecia encher a sala com a sua presença. Uma presença sombria. Olhava para mim. Do alto do seu nariz para mim. Do alto do seu nariz enrugado de menosprezo para mim.

— Este é o Sr. Braddock — disse o Sr. Birch enquanto eu estava paralisado com o olhar fixo do recém-chegado. — Ele também é um Templário. É da minha plena e máxima confiança, Haytham. — Limpou a garganta e disse ruidosamente: — E de uns modos que por vezes vão contra aquilo que sei estar no seu coração.

O Sr. Braddock fungou e lançou-lhe um olhar insatisfeito.

— Vá lá, Edward — repreendeu Birch. — Haytham, o Sr. Braddock vai ficar responsável por encontrar o traidor.

— Muito obrigado, senhor — disse eu.

O Sr. Braddock olhou para mim, depois falou para o Sr. Birch.

— Este Digweed — disse ele —, talvez me possa mostrar os seus aposentos.

Quando me movimetei para ir com eles, o Sr. Braddock olhou para o Sr. Birch, que acenou quase impercetivelmente e se virou para mim a sorrir, com um olhar que rogava a minha compreensão.

— Haytham — disse ele —, talvez deva tratar de outros assuntos. Os seus preparativos para irmos embora, por exemplo. — Vi-me obrigado a regressar ao meu quarto, onde verifiquei as minhas malas já feitas e fui buscar o meu diário onde escrevi os acontecimentos do dia. Há instantes, o Sr. Birch veio ter comigo com as novidades: Digweed tinha fugido, disse-me ele, com um ar sério. No entanto, assegurou-me de que o irão encontrar. Os Templários apanham sempre o seu alvo e, entretanto, nada muda. Partimos à mesma para a Europa.

Apercebo-me de que este vai ser o meu último registo em casa aqui em Londres. Estas são as últimas palavras da minha vida antiga, antes de começar a minha vida nova.

PARTE II

1747, DOZE ANOS DEPOIS



10 de Junho de 1747

i

Hoje observei o traidor enquanto andava pelo bazar. Usava um chapéu com plumas, fivelas coloridas e jarreteiras. Pavoneava-se de banca em banca e brilhava debaixo do sol claro e luminoso de Espanha. Brincava e dizia piadas a alguns dos lojistas, com outros trocava palavras zangadas. Parecia não ser nem amigo nem déspota e, na verdade, a impressão com que fiquei dele à distância era a de um homem justo, até benevolente. Mas por outro lado, ele não traiu aquelas pessoas. Traiu a sua Ordem. Traiu-nos a nós.

Os seus guardas mantinham-se com ele durante as suas rondas e eu percebi que eram homens diligentes. Os seus olhos não paravam de vaguear pelo mercado e quando um dos lojistas lhe dava uma palmada calorosa nas costas e lhe empurrava uma oferta de pão da sua bancada, ele acenava para o mais alto dos dois guardas, que agarrava a oferta com a mão esquerda, mantendo livre a mão da espada. Bom. Bom homem. Treinado pelos Templários.

Instantes depois, um rapaz saiu disparado do meio da multidão e, de imediato, os meus olhos viraram-se para os guardas, vi-os tensos, avaliaram o perigo e depois...

Acalmaram?

Riram-se interiormente por se sobressaltarem tanto?

Não. Permaneceram tensos. Permaneceram vigilantes, porque não são tolos e sabiam que o rapaz podia ter sido um isco.

Eram bons homens. Perguntava-me se teriam sido corrompidos pelos ensinamentos do seu chefe, um homem que jurava lealdade para com

uma causa enquanto promovia os ideais de outra. Tinha esperança que não, pois já tinha decidido deixá-los viver. E se parecer ser um pouco conveniente que eu lhes tivesse poupado a vida, que na realidade eu estaria apreensivo de combater contra dois homens tão competentes, essa aparência é falsa. Podem ser vigilantes, seriam sem dúvida especialistas no manuseamento da espada, seriam peritos no que diz respeito a matar.

E no entanto eu sou vigilante. Sou especialista no manuseamento da espada. E sou perito no que diz respeito a matar. Tenho uma apetência natural para isso. Embora que, ao contrário da teologia, filosofia, línguas clássicas e as minhas próprias línguas, em particular espanhol, que falo com tanta fluência que consigo passar por espanhol aqui em Altea, ainda que reservado, as minhas capacidades na matança não me dão qualquer prazer. Sou apenas bom a exercê-las.

Talvez se o meu alvo fosse Digweed, então talvez eu retirasse uma pequena quantidade de satisfação por morrer às minhas custas. Mas não é.

ii

Durante os cinco anos após termos deixado Londres, Reginald e eu vasculhámos a Europa, viajando de país em país numa caravana de viagem de serviçais e camaradas Cavaleiros que se movimentavam em nosso redor, entrando e saindo das nossas vidas. Nós os dois éramos a única constante à medida que passávamos de um país para o outro, apanhando por vezes o rasto de um grupo de turcos traficantes de escravos que se pensava terem Jenny. Ocasionalmente investigávamos informações relativas a Digweed, com que Braddock se encarregava de se ocupar, partindo a cavalo durante meses seguidos, mas regressando sempre de mãos vazias.

Reginald era o meu tutor e nessa área tinha semelhanças com o pai. Primeiro, tinha a tendência para rejeitar quase tudo o que viesse de livros, afirmando constantemente que havia uma forma de aprendizagem mais elevada e avançada do que aquela que se encontrava nos velhos e poeirentos livros da escola; aquilo que mais tarde vim a conhecer como a Aprendizagem Templária. Em segundo lugar, insistia que eu pensasse pela minha cabeça.

Eram diferentes porque o meu pai pedir-me-ia para decidir por mim mesmo. Reginald, conforme vim a perceber, via o mundo de um modo mais absoluto. Com o pai, eu sentia por vezes como se bastasse raciocinar; como se raciocinar fosse um fim em si mesmo e a conclusão a que eu chegasse fosse, de algum modo, menos importante que o percurso. Com o pai, os factos e, olhando para diários do passado, apercebo-me de que até

todo o conceito de verdade podiam parecer como propriedades mutáveis e alteráveis.

No entanto não existia esta ambiguidade com Reginald e nos primeiros anos, quando eu talvez dissesse algo contrário, ele rir-se-ia para mim e dir-me-ia que conseguia ouvir a voz do meu pai dentro de mim, Dir-me-ia que o meu pai fora um excelente homem, sábio em muitos aspetos e o melhor espadachim que ele alguma vez conhecera, mas a sua atitude para com a aprendizagem não era tão colegial como poderia ter sido.

Será que me envergonha admitir que, ao longo do tempo, acabei por preferir o método de Reginald, o método mais rígido dos Templários? Embora estivesse sempre de bom humor, sempre pronto com uma piada e um sorriso, faltava-lhe a alegria natural, até a manha do pai. Em primeiro lugar, estava sempre bem arranjado e era obcecado pela pontualidade, insistia que tudo devia estar em ordem sempre. No entanto, quase sem querer, havia algo de fixo no que dizia respeito a Reginald, uma certeza tanto interior como exterior que me agradava cada vez mais à medida que os anos passavam.

Certo dia apercebi-me do motivo. Era a ausência de dúvida e, a acompanhar, a confusão, a indecisão, a incerteza. Esta sensação, a sensação de “ter a certeza” que Reginald me inculcou foi o meu guia desde rapaz até ser adulto. Nunca esqueci os ensinamentos do meu pai, pelo contrário. Ele teria ficado orgulhoso de mim por eu questionar os seus ideais. Ao fazê-lo, adotei ideais novos.

Nunca encontramos Jenny. À medida que os anos passavam, amaciei em relação às minhas memórias dela. Lendo novamente os meus diários, quando era novo não me importava minimamente com ela. Isto é algo que me envergonha um pouco, porque hoje sou um adulto e vejo as coisas de forma diferente. É claro que a minha antipatia de juventude para com ela não atrasou minimamente as buscas. Nessa missão, o Sr. Birch tinha mais do que suficiente dedicação por nós os dois juntos. Mas não chegou. Os fundos que recebíamos do Sr. Simpkin em Londres eram avultados, mas não eram ilimitados. Encontrámos um castelo em França onde estabelecer a nossa base, escondido perto de Troyes, nas terras de Champagne. Aqui, o Sr. Birch continuou com a minha instrução, recomendando a minha admissão como Noviço e depois, três anos mais tarde, como membro pleno da Ordem.

Passavam-se semanas sem se falar de Jenny ou Digweed; depois meses. Estávamos envolvidos noutras atividades dos Templários. A Guerra de Sucessão Austríaca parecia consumir toda a Europa nas suas garras insaciáveis e fazíamos falta para ajudar a proteger os interesses dos Templários. A minha “apetência”, a minha capacidade em matar, tornou-se evidente e

Reginald viu rapidamente as suas vantagens. O primeiro a morrer não foi o primeiro que eu matei, é claro; devo dizer que o meu primeiro assassinato foi um mercador ganancioso em Liverpool. O meu segundo foi um príncipe austríaco.

Depois de ter matado o mercador há dois anos, regressei a Londres, onde verifiquei que a reconstrução na Praça de Rainha Ana continuava e a mãe... a mãe estava demasiado cansada para me ver nesse dia e estará da mesma forma no dia seguinte.

— Também está demasiado cansada para responder às minhas cartas? — perguntara eu à Srta. Davy, que se desculpou e desviou o olhar. De seguida, cavalguei para Herefordshire, na esperança de localizar a família de Digweed, sem resultados. Parecia que o traidor na nossa casa não estava em lado nenhum. Ou, melhor dizendo, não está em lado nenhum.

De qualquer forma, a sede de vingança dentro de mim é menos forte do que nessa altura, talvez simplesmente por eu ter crescido, talvez por causa do que Reginald me ensinou sobre autodomínio, o controlo das nossas emoções.

Ainda assim, por muito ténue que seja, continua a consumir-me por dentro.

iii

A mulher do dono do albergue tinha acabado de chegar em visita, deitando rapidamente o olhar sobre as escadas antes de fechar a porta atrás de si. Disse que tinha chegado um mensageiro enquanto estivera fora e entregou-me a missiva com um ar sedutor que talvez me convencesse em corresponder se não tivesse outras coisas em que pensar. Os acontecimentos da noite anterior, por exemplo.

Portanto, em vez disso, conduzi-a para fora do meu quarto e sentei-me a decifrar a mensagem. Dizia que, assim que terminasse em Altea, deveria viajar não para casa, em França, mas para Praga, onde encontraria Reginald nas caves garrafeiras da casa da Rua Celetna, o quartel-general dos Templários. Ele tinha um assunto urgente a tratar comigo.

Entretanto, tenho o meu queijo. Esta noite o traidor vai encontrar o seu destino.

11 de Junho de 1747

Está feito. Quero dizer, o assassinato. E embora não tenha corrido sem complicações, a execução foi limpa na medida em que ele está morto e eu continuo incógnito. Por isso, não posso deixar de sentir alguma satisfação de ter completado a tarefa.

Chamava-se Juan Vedomir e, supostamente, o seu trabalho consistia em proteger os nossos interesses em Altea. Era tolerado que ele tivesse usado a oportunidade para construir um império por sua conta. As informações que tínhamos eram que ele controlava o porto e o mercado de uma forma benevolente e sem dúvida que ele parecia receber alguns apoios com base nas aparências daquele dia de manhã, mesmo se a presença dos guardas demonstrava que nem sempre acontecia dessa forma.

Seria ele demasiado benevolente? Reginald achava que sim, tinha investigado e acabou por descobrir que o afastamento de Vedomir pelos ideais Templários era tão profundo que podia ser considerado traição. Somos intolerantes face a traidores na Ordem. Fui enviado para Altea. Observei-o. E, na noite passada, peguei no meu queijo e deixei o albergue pela última vez, atravessando as ruas em calçada da sua *villa*.

— Sim? — disse o guarda que abriu a porta.

— Tenho queijo — disse eu.

— Consigo cheirá-lo daqui — respondeu.

— Tinha esperanças de convencer o *Señor* Vedomir a deixar-me fazer comércio no bazar.

O seu nariz enrugou-se mais um pouco.

— O negócio do *Señor* Vedomir é atrair clientes para o mercado, e não o de os afastar.

— *Señor*, alguém que tenha um palato mais refinado talvez possa discordar.

O guarda afunilou o olhar.

— A sua pronúncia. De onde é?

Fora o primeiro a duvidar da minha cidadania espanhola.

— Sou natural da República de Genoa — disse a sorrir —, onde o queijo é uma das nossas melhores exportações.

— O seu queijo terá de andar um bom bocado para vencer contra o queijo de Varela.

Continuei a sorrir.

— Estou confiante que sim. Estou confiante que o *Señor* Vedomir vai concordar.

Pareceu hesitante, mas desviou-se e deu-me passagem para um átrio amplo que, embora a noite estivesse quente, estava fresco, quase frio. Estava também parcamente decorado, com apenas duas cadeiras e uma mesa, sobre a qual havia umas cartas. Olhei de relance para elas. Fiquei satisfeito de ver que era um jogo de piquet, porque piquet é um jogo para duas pessoas. O que significava que não havia mais guardas escondidos.

O primeiro guarda apontou para eu deixar o queijo embrulhado em cima da mesa das cartas e assim fiz. O segundo homem ficou na retaguarda, com uma mão no punho da espada enquanto o seu companheiro me revistava à procura de armas, apalpando as minhas roupas cuidadosamente e, de seguida, procurando no saco que trazia ao ombro, dentro do qual havia algumas moedas e o meu diário, mas nada mais. Não tinha nenhuma lâmina.

— Ele não está armado — disse o primeiro guarda e o segundo acenou. O primeiro guarda apontou para o meu queijo.

— Quer que o *Señor* Vedomir prove isto, presumo?

Acenei com entusiasmo.

— Talvez fosse melhor eu provar primeiro? — disse o segundo guarda, observando-me com atenção.

— Tinha esperança de o manter intacto para o *Señor* Vedomir — respondi com um sorriso solícito.

O guarda fungou.

— Há aí mais do que suficiente. Se calhar, você é que devia prová-lo.

Comecei a protestar:

— Mas tinha esperança de o manter intacto para...

Ele pousou a mão no punho da espada.

— Prove-o — insistiu.

Acenei.

— Com certeza, *señor* — disse eu e desembrulhei um canto, arranquei um bocado e comi-o. De seguida, apontou para eu provar outro pedaço, o que fiz, com uma cara que mostrava como sabia maravilhosamente.

— E agora que já está aberto — disse eu, oferecendo o embrulho —, mais vale provarem também.

Os dois guardas trocaram olhares, depois, por fim, o primeiro sorriu, dirigiu-se a uma porta de madeira grossa no final da passagem, bateu à porta e entrou. Depois, apareceu de novo e mandou-me entrar para o quarto de Vedomir.

Lá dentro, estava escuro e sentia-se um perfume intenso. Havia seda a subir suavemente da entrada para o teto baixo. Vedomir estava sentado de costas para nós, de cabelo negro e comprido solto. Vestia uma camisa de dormir e escrevia à luz de uma vela na sua secretária

— Quer que eu fique, *Señor* Vedomir? — perguntou o guarda.

Vedomir não se virou.

— Presumo que o nosso convidado não se encontra armado?

— Não, *señor* — disse o guarda —, embora o cheiro do seu queijo seja suficiente para derrubar um exército.

— Para mim o cheiro é um perfume, Cristian. — Vedomir riu-se. — Por favor oferece algo para o nosso convidado se sentar que eu juntar-me-ei a ele dentro em pouco.

Sentei-me num banco baixo junto a uma lareira vazia enquanto ele usava o mata-borrão no livro, vindo então ter comigo, parando para pegar numa faca pequena de dentro de uma mesinha.

— Então temos queijo? — O seu sorriso separava um bigode fino enquanto levantava a camisa de dormir para se sentar noutro banco baixo à minha frente.

— Sim, *señor* — disse eu.

Olhou para mim.

— Oh? Disseram-me que vem da República de Genoa, mas consigo perceber pela sua fala que é inglês.

Estaquei em choque, mas o sorriso largo que ele mostrava dizia-me que não havia nada a temer. Pelo menos por enquanto.

— E aqui estava eu a achar-me tão esperto por esconder a minha nacionalidade este tempo todo — disse eu, impressionado —, mas o *señor* apanhou-me.

— E fui claramente o primeiro a fazê-lo, tendo em conta que ainda tem a cabeça agarrada ao corpo. Os nossos dois países estão em guerra, não estão?

— Toda a Europa está em guerra, *señor*. Por vezes pergunto-me se alguém sabe quem está a combater contra quem.

Vedomir soltou uma risada e revirou os olhos.

— Está a ser pouco sincero, meu amigo. Penso que ambos sabemos quais são os apoiantes do vosso Rei Jorge, bem como as suas ambições. Diz-se que a vossa Marinha Britânica se considera a melhor do mundo. Os Franceses, os Espanhóis, já para não falar nos Suecos, não concordam. Um inglês em Espanha está por sua conta e risco.

— Então devo ficar preocupado com a minha segurança aqui, *señor*?

— Comigo? — Abriu os braços e esboçou um sorriso amarelo. — Gosto de pensar que estou acima das preocupações mesquinhas dos reis, meu amigo.

— Então serve quem, *señor*?

— Ora, as pessoas da cidade, é claro.

— E a quem jura lealdade, se não é ao Rei Fernando?

— A um poder mais alto, *señor*. — Vedomir sorriu, encerrando claramente o assunto e virando as atenções para os pacotes de queijo que eu colocara junto à lareira.

— Agora — prosseguiu — vai perdoar-me a confusão. Este queijo. Vem da República de Genoa ou é um queijo inglês?

— É o meu queijo, *señor*. Os meus queijos são os melhores, independentemente de onde se hasteie a bandeira.

— Suficientemente bons para superar o de Varela?

— Talvez o suficiente para serem vendidos ao seu lado.

— E depois como é? Depois vou ter um Varela insatisfeito.

— Sim, *señor*.

— Uma situação dessas pode não ser preocupação sua, *señor*, mas estes são os assuntos que me incomodam diariamente. Bom, vamos então provar este queijo antes que derreta, sim?

Enquanto fingia sentir o calor, desapertei o lenço do pescoço e tirei-o. Abri sub-repticiamente a mala que tinha ao ombro e agarrei num dobrão. Quando ele tomou atenção ao queijo, deixei cair o dobrão no lenço.

A faca reluzia à luz da vela enquanto Vedomir cortava um bocado do primeiro queijo, segurando no pedaço com o polegar e cheirando-o — era desnecessário, eu conseguia sentir o seu odor de onde estava —, depois meteu-o na boca. Mastigou pensativamente, olhou para mim, depois cortou um segundo bocado.

— Hum — disse após alguns instantes. — Está enganado, *señor*, este não é superior ao queijo de Varela. Na verdade é exatamente igual ao queijo de Varela. — O seu sorriso desaparecera e a sua cara estava pesada.

Compreendi que tinha sido descoberto. — Na realidade isto é queijo de Varela.

La abrir a boca para gritar por ajuda quando eu larguei o dobrão no lenço, torci a seda num garrote com um movimento do pulso e saltei em frente com os braços cruzados, passando por cima da cabeça dele e à volta do pescoço.

Esticou a mão da faca para trás, mas foi demasiado lento e tinha sido apanhado desprevenido, pelo que a faca golpeava descontroladamente a seda por cima das nossas cabeças e eu posicionava o meu “rumal”, a moeda apertada contra as suas vias respiratórias, abafando qualquer ruído. A segurar o garrote com uma mão, desarme-o, atirei a faca para uma almofada e usei as duas mãos para apertar o “rumal”.

— O meu nome é Haytham Kenway — disse eu sem emoção, inclinando-me para a frente para lhe olhar nos olhos bem abertos e protuberantes. — Traíste a Ordem dos Templários. Por esse motivo, foste sentenciado à morte.

Elevou o braço na tentativa inútil de me esgatanhar os olhos, mas eu mexi a cabeça e fiquei a olhar para a seda a flutuar suavemente enquanto a sua vida se esvaía.

Quando tudo terminou, carreguei o seu corpo para a cama, depois fui até à sua secretária para recolher o seu diário conforme as ordens que tinha recebido. Estava aberto e umas palavras chamaram-me a atenção: “Para ver de maneira diferente, primeiro devemos pensar diferente.”

Li de novo, traduzindo-as cuidadosamente, como se estivesse a aprender uma língua nova: “Para ver de maneira diferente, primeiro temos de pensar diferente.”

Olhei para a frase durante alguns instantes, absorto nos meus pensamentos, depois fechei o livro e guardei-o no meu saco, concentrando-me de novo no trabalho que tinha em mãos. A morte de Vedomir não iria ser descoberta até de manhã; por essa altura eu já estaria longe, a caminho de Praga, onde eu tinha agora algo a perguntar a Reginald.

18 de Junho de 1747

i

— Diz respeito à tua mãe, Haytham.
Ele estava diante de mim na cave do quartel-general na Rua Celestina. Não fizera qualquer esforço para se vestir à maneira de Praga. Envergava um ar britânico como se de uma medalha de honra se tratasse: meias brancas limpas, calções pretos e, é claro, a sua peruca, que era branca e tinha largado a maior parte do seu pó de talco nos ombros da sua sobrecasaca. Estava iluminado pelas chamas de tochas compridas de ferro em postes que o ladeavam, presos a paredes de pedra tão escura que era quase preta e as tochas pareciam brilhar com uma aura de luz ténue. Normalmente estaria de pé com um ar relaxado, as mãos atrás das costas e apoiado na bengala; mas hoje tinha um ar formal.

— A mãe?

— Sim, Haytham.

O meu primeiro pensamento foi que estaria doente e senti de imediato uma onda quente de culpa tão intensa que quase fiquei tonto. Não lhe escrevia há semanas, mal pensava nela.

— Ela morreu, Haytham — disse Reginald, olhando para o chão. — Deu uma queda há uma semana. Magoou-se nas costas com gravidade e, infelizmente, não recuperou dos ferimentos.

Fitei-o. Aquele intenso sentimento de culpa desapareceu tão rapidamente como chegara e foi substituído por uma sensação de vazio, um buraco onde deveriam estar emoções.

— Lamento, Haytham. — A sua face enrugada esboçou uma

expressão de compaixão e os seus olhos eram gentis. — A tua mãe era uma mulher admirável.

— Está tudo bem — disse eu.

— Partimos para Inglaterra de imediato. Vai haver um velório.

— Compreendo.

— Se precisares de... algo, por favor não hesites em pedi-lo.

— Obrigado.

— A tua família agora faz parte da Ordem, Haytham. Podes recorrer a nós para qualquer coisa.

— Obrigado.

Limpou a garganta desconfortavelmente.

— E se precisares de... sei lá, desabafar, então conta comigo.

Tentei não sorrir ao pensar nisso.

— Obrigado, Reginald, mas não vou precisar de desabafar.

— Muito bem.

Ficámos em silêncio durante algum tempo.

Ele desviou o olhar.

— Está feito?

— Juan Vedomir está morto, se é isso que perguntas.

— E tens o seu diário?

— Infelizmente não.

Por momentos fez um ar desiludido, depois empederneceu. Já tinha visto aquela cara antes, num momento desprevenido.

— O quê? — disse simplesmente.

— Matei-o por ter traído a nossa causa, não foi? — disse eu.

— De facto... — disse Reginald cuidadosamente.

— Então para que era preciso o seu diário?

— Contém o que ele escreveu. É do nosso interesse.

— Porquê? — perguntei.

— Haytham, eu tinha motivos para achar que a traição de Juan Vedomir foi mais profunda que o seu cumprimento da doutrina. Julgo que ele tenha avançado para trabalhar com os Assassinos. Agora diz-me a verdade, por favor. Tens o diário dele?

Tirei-o do meu saco, dei-lho e ele aproximou-o de um dos candela-bros, abriu-o, folheou-o rapidamente e fechou-o com força.

— Leste-o? — perguntou.

— Está em código — respondi.

— Mas nem tudo — disse ele monocordicamente.

Acenei.

— Sim, sim, tens razão. Fui capaz de ler algumas passagens. Os seus... pensamentos sobre a vida. Foi uma leitura interessante. Na verdade

Reginald, fiquei particularmente intrigado por quanto da filosofia de vida de Juan Vedomir coincidia com a que o meu pai me ensinou em tempos.

— É possível.

— E, no entanto, fizeste-me matá-lo.

— Fiz-te matar um traidor à Ordem. Que é algo totalmente diferente.

É claro que sabia que eu e o teu pai víamos de maneira diferente muitos, talvez até a maioria, dos princípios da Ordem, mas isso é porque ele não os seguia. O facto de não ser um Templário não fez com que eu o respeitasse menos.

Olhei para ele. Interroguei-me se tinha errado ao duvidar dele.

— Então que interesse tem o livro?

— Relativamente às considerações de Vedomir sobre a vida, nenhum, disse podes ter a certeza. — Reginald sorriu de soslaio. — Tal como dizes, eram semelhantes às do teu pai e ambos sabemos o que achamos sobre isso. Não, são as partes codificadas que me interessam que, se tiver razão, contém os detalhes sobre o guardião de uma chave.

— Uma chave para quê?

— Tudo a seu tempo.

Soltei um som de frustração.

— Assim que descodificarmos o diário, Haytham — insistiu. — Nessa altura seremos capazes de dar início à fase de operações seguinte.

— E quando vai ser isso?

Ele abriu a boca para falar, mas eu disse as palavras por ele:

— “Tudo a seu tempo, Haytham.” É isso? Mais segredos, Reginald?

Reginald respondeu crispado.

— “Segredos”? A sério? É o que pensas? O que fiz eu ao certo para merecer a tua suspeita, Haytham, a não ser tomar conta de ti, patrocinar a tua entrada na Ordem, dar-te uma vida? Sabes, podem achar legítimo que eu por vezes te ache mal-agradecido, meu caro.

— Ainda assim, nunca conseguimos encontrar Digweed, pois não? — disse eu, recusando ser intimidado. — Nunca houve uma nota de resgate por Jenny, logo, o principal objetivo do ataque teve de ser a morte do pai.

— Tínhamos esperança de encontrar Digweed, Haytham. Nunca poderíamos fazer mais. Tínhamos esperança de o fazer pagar. Essa esperança não foi cumprida, o que não significa que tenhamos sido negligentes nas nossas tentativas. Mais, eu tinha o dever de tomar conta de ti, Haytham, que foi cumprido. Estás aqui, diante de mim, um homem, um Cavaleiro da Ordem respeitado. Ignoras esses factos, penso eu. E não nos esqueçamos que eu tinha esperança de casar com Jenny. Talvez, no meio do calor do teu desejo por vingares o teu pai, vejas Digweed como o nosso único falhanço,

mas não é, pois não? Porque não encontramos Jenny, pois não? É claro, não gastas um minuto para pensar no sofrimento da tua irmã.

— Acusas-me de indiferença? Frieza?

Abanou a cabeça.

— Apenas peço que vires a tua atenção para os teus próprios falhanços antes de começar a salientar os meus.

Olhei cuidadosamente para ele.

— Nunca confidenciaste comigo relativamente às buscas.

— Braddock foi enviado para o encontrar. Ele atualizava-me regularmente.

— Mas nunca mas transmitiste.

— Eras um rapaz novo.

— Que cresceu.

Baixou a cabeça.

— Então peço desculpas por não ter isso em consideração, Haytham. No futuro, tratar-te-ei como um igual.

— Então começa agora. Começa por me contares sobre o diário — disse eu.

Ele riu-se como se tivesse sido colocado em xeque ao xadrez.

— Ganhaste, Haytham. Muito bem, representa o primeiro passo para a localização de um templo, um templo da primeira civilização, que se pensa ter sido construído por Aqueles Que Vieram Antes.

Parámos em silêncio por um instante em que pensei: *É só isso?* Depois ri-me.

A princípio ficou chocado, lembrando-se talvez da primeira vez que me falara d'Aqueles Que Vieram Antes, quando eu tinha tido dificuldade em conter o riso.

— Aqueles que vieram antes do quê? — tinha eu gozado.

— Antes de nós — respondera ele rigidamente. — Antes da humanidade. Uma civilização anterior.

Agora fazia-me uma cara feia.

— Continuas a achar isto engraçado, Haytham?

Abanei a cabeça.

— Não é muito engraçado, não... É mais... — tinha dificuldade em achar a palavra — ...difícil de conceber, Reginald. Uma raça de seres que existiu antes da humanidade. Deuses...

— Não eram deuses, Haytham, a primeira civilização de humanos que controlava a humanidade. Deixaram-nos artefactos, Haytham, com um poder imenso, um poder para além da nossa imaginação. É minha crença que aquele que possuir esses artefactos pode acabar por controlar os destinos de toda a humanidade.

O meu riso apagou-se quando vi a seriedade do seu ar.

— São afirmações muito grandiosas, Reginald.

— De facto. Se fosse uma afirmação modesta, não estaríamos assim tão interessados, pois não? Os Assassinos não estariam interessados. — Os seus olhos brilhavam. As chamas das tochas reluziam e tremiam dentro deles. Já tinha visto aquele olhar antes, mas apenas em situações raras. Nunca quando me ensinara línguas, filosofia ou mesmo os clássicos ou os princípios do combate. Nem mesmo quando me ensinou os princípios da Ordem.

Não, aquele olhar apenas surgia quando falávamos d'Aqueles Que Vieram Antes.

Por vezes, Reginald gostava de ridicularizar aquilo que via como um excesso de paixão. Via-o como uma limitação. No entanto, quando falava sobre os seres da primeira civilização, falava como um fanático.

ii

Estamos a passar a noite no quartel-general dos Templários aqui em Praga. Neste momento em que estou aqui sentado num quarto modesto de paredes de pedra cinzenta, consigo sentir o peso de milhares de anos de história dos Templários sobre mim.

Penso na Praça de Rainha Ana, para onde as pessoas da casa regressaram quando as obras acabaram. O Sr. Simpkin tinha-nos mantido a par dos desenvolvimentos, Reginald supervisionara os trabalhos de construção, mesmo enquanto andávamos de país em país à procura de Digweed e Jenny. (Sim, Reginald tinha razão. Não termos conseguido encontrar Digweed consome-me, mas quase nunca penso em Jenny.)

Certo dia, Simpkin enviou-nos uma mensagem de que as pessoas da casa estavam de novo na residência, onde era o seu lugar. Nesse dia, lembrei-me das portas em madeira da casa onde cresci, e descobri que conseguia visualizar as pessoas dentro de casa, especialmente a minha mãe. É claro que imaginava a mãe que eu conhecera na minha infância, que tinha um brilho, forte como o Sol e mais quente ainda, ao colo da qual eu soube o que era ser perfeitamente feliz. O meu amor pelo pai era ardente, talvez ainda mais forte. Mas pela mãe, era mais puro. Pelo pai sentia reverência, uma admiração tão grande que por vezes me sentia minúsculo face a ele e, com isso, vinha uma sensação subjacente que apenas sei descrever como de ansiedade, que teria de estar à sua altura, crescer à sua sombra gigantesca.

Pelo contrário, com a mãe não havia inseguranças dessas, apenas a sensação quase esmagadora de consolo e amor e proteção. E ela era linda.

Costumava gostar quando as pessoas me comparavam ao pai por ser tão notável, mas se diziam que era parecido com a mãe, sabia que queriam dizer “bonito”. Costumavam dizer de Jenny coisas como: “Ela vai partir alguns corações”; “Ela vai ter homens a lutar por ela.” Aplicavam a linguagem de luta e conflito. Mas com a mãe não era assim. A sua beleza era algo de delicado, maternal e protetor. Não se falava dela com a circunspeção que inspirava a aparência de Jenny, mas calorosamente e com admiração.

Claro que nunca conhecera a mãe de Jenny, Caroline Scott, mas tinha uma opinião formada sobre ela: era uma “Jenny” e o meu pai tinha ficado cativo da sua beleza tal como os pretendentes de Jenny eram cativos da dela.

Pelo contrário, imaginava a mãe como um género de pessoa totalmente diferente. Era simplesmente Tessa Stephenson-Oakley quando conheceu o meu pai. Pelo menos, era o que ela dizia, “simplesmente Tessa Stephenson-Oakley”, que não me soava nada simples, mas não interessa. O pai mudara-se para Londres, tendo chegado sozinho sem casa e com apenas uma bolsa suficientemente grande para comprar uma. Quando arrendou uma casa em Londres a um senhorio abastado, a filha oferecera-se para ajudar o meu pai a encontrar um alojamento permanente, bem como a contratar o pessoal da casa para a organizar. A filha, é claro, era simplesmente Tessa Stephenson-Oakley...

Tinha tudo, mas insinuou que a sua família não estava satisfeita com a ligação; na verdade nunca vimos o seu lado da família. Dedicou todas as suas energias connosco. Até àquela noite terrível, a pessoa que era alvo da sua total atenção, do seu interminável afeto, do seu amor incondicional, era eu.

Mas na última vez que a vira, não havia sinais dessa pessoa. Quando olho agora para trás para o nosso último encontro, aquilo que recordo é a desconfiança nos seus olhos, que me apercebo ser de desdém. Quando matei o homem que a ia matar, mudei aos olhos dela. Já não era o rapaz ao seu colo.

Era um homicida.

20 de Junho de 1747

A caminho de Londres, reli um velho diário. Porquê? Talvez algum ins-
tinto. Algum incómodo subconsciente... uma dúvida, talvez.

Fosse o que fosse, quando reli a entrada de 10 de Dezembro de 1735,
percebi subitamente o que teria de fazer quando chegasse a Inglaterra.

2-3 de Julho de 1747

Hoje foi o funeral e também... bom, vou explicar. Depois do funeral, deixei Reginald a falar com o Sr. Simpkin na escadaria da capela. O Sr. Simpkin dissera-me que tinha uns papéis para eu assinar. Devido ao falecimento da mãe, as finanças eram minhas. Disse-me com um sorriso solícito que tinha esperança que eu o considerasse mais do que suficiente na gestão dos assuntos até agora. Acenei, sorri, não disse nada que me compromettesse, disse-lhes que queria um pouco de tempo sozinho e saí discretamente, aparentemente para ficar sozinho com os meus pensamentos.

Queria que a direção do meu passeio parecesse aleatória enquanto percorria a avenida principal, mantendo-me afastado das rodas das caruagens que salpicavam lama e estrume na estrada; ziguezagueava entre as pessoas que se amontoavam nas ruas — comerciantes com aventais de couro ensanguentados, prostitutas e lavadeiras. Mas não era. Não era aleatória de todo.

Uma mulher em particular estava mais à frente, como eu, a atravessar a multidão, sozinha e, provavelmente, absorta nos seus pensamentos. Tinha-a visto no funeral, é claro. Sentara-se junto do resto dos serviçais (Emily e mais duas ou três que não reconheci) do outro lado da capela, com um lenço no nariz. Tinha olhado para cima e tinha-me visto. Teve de me ver, mas não mostrou nenhum sinal. Perguntei-me, teria Betty, a minha antiga ama, sequer reconhecido a minha cara?

Então estava agora no seu encalço, mantendo uma distância discreta

atrás dela para que não me visse se por acaso olhasse para trás. Estava a ficar escuro quando ela chegou a casa, ou melhor, a casa onde agora trabalhava, uma mansão grandiosa que se irrompia no céu negro, não muito diferente da casa na Praça de Rainha Ana. Interroguei-me se ela seria ainda uma ama ou se teria subido na vida. Vestiria um uniforme de governanta por debaixo do casaco? A rua estava menos movimentada que anteriormente e fiquei mais para trás, vendo-a descer um curto lanço de escadas de pedra que davam entrada para os aposentos da cave e entrar.

Quando estava fora de vista, atravessei a estrada e deambulei em direção à casa, consciente da necessidade de não dar nas vistas caso houvesse alguém a ver-me das janelas. Em tempos eu fora um rapaz que olhava pelas janelas da casa na Praça de Rainha Ana, via os transeuntes irem e virem e imaginava quais seriam os seus assuntos. Haveria um rapaz nesta casa a olhar agora para mim, perguntando-se quem seria este homem? De onde viera? Para onde ia?

Então deambulei pelos gradeamentos à frente da mansão e olhei de relance para baixo, vendo as janelas iluminadas daquilo que presumi serem os quartos dos serviçais. Então, fui recompensado com a silhueta inconfundível de Betty atrás do vidro a fechar uma cortina. Tinha a informação que queria.

Voltei depois da meia-noite, quando os cortinados nas janelas da mansão estavam fechados, a rua estava escura e as únicas luzes estavam agarradas à esporádica carruagem que passava.

Encaminhei-me de novo para a frente da casa e, com um olhar rápido para a esquerda e para a direita, trepei o gradeamento e desci silenciosamente para a sarjeta do outro lado. Percorri agachado a sua extensão até encontrar a janela de Betty, onde parei e, muito cuidadosamente, coloquei o ouvido contra o vidro, ouvindo por momentos até ficar convencido que não havia movimentações do lado de dentro.

Depois, com uma paciência infinita, coloquei os dedos contra o fundo da moldura da janela e levantei-a, rezando para que não chiasse. Quando as minhas preces foram ouvidas, entrei e fechei a janela atrás de mim.

Ela mexeu-se ligeiramente na cama, talvez devido à corrente de ar vinda da janela ou por sentir inconscientemente a minha presença. Estaquei em pé como uma estátua e esperei para que a sua respiração profunda regressasse. Senti o ar à minha volta assentar e a minha incursão ser absorvida pelo quarto, como se, após alguns momentos, eu fizesse parte dele; como se sempre tivesse feito parte do quarto, como um fantasma.

Então desembainhei a espada.

Era apropriado, talvez irónico, que tivesse sido a espada que o meu pai me dera. Hoje em dia raramente ia a algum lado sem ela. Há anos, Reginald perguntara-me quando esperava eu que a espada sentisse sangue e é claro

que já sentiu, muitas vezes. Se eu tivesse razão em relação a Betty, iria senti-lo novamente.

Sentei-me na cama e aproximei a lâmina da espada da garganta dela, depois tapei-lhe a boca com a mão.

Acordou. Os seus olhos abriram-se de imediato em pânico. A sua boca mexia-se e a palma da minha mão tremia e vibrava com as suas tentativas de gritar.

Prendi o seu corpo a esbracejar e não disse nada, apenas deixei que os seus olhos se adaptassem até me conseguir ver e deve ter-me reconhecido. Como poderia não reconhecer, se tomara conta de mim durante dez anos e era como uma mãe para mim? Como seria possível não reconhecer o Menino Haytham?

Quando parou de se debater, sussurrei “Olá Betty” ainda com a mão a tapar-lhe a boca.

— Tenho algo que te quero perguntar. Vais precisar de falar para responder. Para falar, vou ter de tirar a minha mão da tua boca e podes ter a tentação de gritar, mas se gritares... — Pressionei a ponta da espada contra a sua garganta para exemplificar. Depois, muito delicadamente, tirei a mão da sua boca.

Tinha um olhar duro, como granito. Por um instante senti-me a regressar à infância e quase fiquei intimidado com a chama e a fúria nele, como se o seu olhar tivesse desencadeado uma memória de ser admoestado que era impossível de ignorar.

— Devia dar-lhe umas palmadas por causa disto, Menino Haytham — rezingou ela. — Como se atreve a entrar sorrateiramente no quarto de uma senhora enquanto ela dorme? Não lhe ensinei nada? A Edith não lhe ensinou nada? A sua mãe? — O seu tom de voz subia. — O seu pai não lhe ensinou nada?

Aquela sensação da infância manteve-se dentro de mim e tive de me mentalizar para encontrar a determinação, lutando contra o impulso de simplesmente largar a espada e dizer “Peço desculpa, Ama Betty”, prometer nunca mais fazer aquilo e dizer que iria ser um menino bonito de agora em diante.

Pensar no meu pai deu-me a determinação.

— É verdade que foste em tempos como uma mãe para mim, Betty — disse-lhe. — É verdade que aquilo que estou a fazer é uma coisa terrível e imperdoável. Acredita, não estou aqui de ânimo leve. Mas aquilo que fizeste é horrível e igualmente imperdoável.

Semicerrou os olhos.

— O que quer dizer?

Coloquei a minha outra mão no bolso da sobrecasaca e retirei um pedaço de papel dobrado, que lhe mostrei na quase escuridão do quarto.

— Lembras-te de Laura, a ajudante de cozinha?

Acenou cautelosamente.

— Ela enviou-me uma carta — continuei. — Uma carta que me disse tudo sobre a tua relação com Digweed. Durante quanto tempo foi o assistente do pai teu amante, Betty?

Não havia carta nenhuma, o pedaço de papel que eu segurava não continha nada mais revelador do que a morada do meu alojamento nessa noite e estava a confiar que a luz fraca a enganasse. A verdade era que, quando relera os meus velhos diários, tinha-me recordado daquele momento há muitos anos em que eu tinha ido procurar Betty. Ela tinha recebido “o seu hóspede” nessa manhã fria e quando olhei pelo buraco da fechadura, vira um par de botas de homem no seu quarto. Na altura não me apercebera por ser demasiado novo. Vira-os pelos olhos de uma criança de nove anos e não pensei nada de mais em relação a eles. Na altura não. Nem desde então.

Não pensei até que li os diários de novo, quando, como uma piada que subitamente faz sentido, finalmente percebi: as botas pertenciam ao seu amante. É claro que sim. Aquilo de que tinha menos certeza era que o seu amante era Digweed. Lembro-me que ela costumava falar dele com um grande afeto, mas todas as pessoas faziam o mesmo, tinha-nos enganado a todos. Mas quando parti para a Europa, aos cuidados de Reginald, Digweed havia encontrado outro emprego para Betty.

Mesmo assim, era uma suposição que seriam amantes — uma suposição ponderada e informada, mas arriscada e com consequências trágicas se eu estivesse errado.

— Lembras-te do dia em que tiveste um hóspede, Betty? — perguntei. — O “teu hóspede”, lembras-te?

Acenou com a cabeça cautelosamente.

— Eu fui ver onde estavas — continuei. — Se te recordas, estava frio e, na passagem à porta do teu quarto, bom, não gosto de admitir, mas ajoelhei-me e espreitei pela tua fechadura.

Senti-me a corar ligeiramente, apesar de tudo. Ela tinha estado a olhar para mim maleficamente, mas agora os seus olhos tornavam-se impiedosos e os lábios cerravam zangados, quase como se aquela antiga intromissão fosse tão má como a atual.

— Não vi nada — clarifiquei rapidamente. — A não ser que conte ver-te a dormir e também um par de botas de homem que reconheci como as de Digweed. Tinhas um caso com ele, é isso?

— Oh, Menino Haytham — murmurou ela, abanando a cabeça com um olhar triste —, o que é feito de si? Em que género de homem o transformou Birch? É suficientemente mau que empunhe uma faca contra a

garganta de uma senhora com a minha idade já avançada. Mas agora olhe bem para si, está a amontoar mágoa em cima de mágoa, a acusar-me de ter um caso, de ser uma destruidora de lares. Não era um caso. É verdade que o Sr. Digweed tinha filhos, quem cuidava deles era a sua irmã em Herefordshire, mas a sua mulher morreu muitos anos antes de ele sequer ter entrado ao serviço na casa. Não tínhamos um caso da forma como está a pensar com a sua mente suja. Estávamos apaixonados, e tenha vergonha por pensar outra coisa. Tenha vergonha. — Abanou a cabeça novamente.

Ao sentir a mão a apertar no punho da espada, cerrei os olhos com força.

— Não, não sou eu quem se deveria sentir culpado aqui. Podes tentar apresentar-te superior como te aprouver, mas a realidade é que tiveste um... relacionamento de algum género, seja de que género for — não interessa de que género foi — com Digweed e Digweed traiu-nos. Se não tivesse havido essa traição, o meu pai estaria vivo. A mãe estaria viva e eu não estaria aqui sentado com uma faca contra a tua garganta. Por isso, não me culpes pela tua situação presente, Betty. Culpa-o a ele.

Ela respirou fundo e compôs-se.

— Ele não teve escolha — disse por fim —, Jack não teve escolha. Oh, era esse o seu nome, já agora: Jack. Sabia disso?

— Vou lê-lo na sua campã — cuspi — e conhecê-lo não faz a mínima diferença, porque ele tinha escolha, sim, Betty. Não me interessa se a escolha era entre o diabo e o fundo do mar. Ele tinha escolha.

— Não. O homem ameaçou a vida dos filhos de Jack.

— “Homem”? Qual homem?

— Não sei. Um homem que a princípio falou com Jack na cidade.

— Alguma vez o viste?

— Não.

— O que disse Digweed sobre ele? Ele era de West Country?

— Jack disse que ele tinha esse sotaque, senhor, sim. Porquê?

— Quando os homens raptaram Jenny, ela gritava por causa de um traidor. Violet na casa ao lado ouviu-a, mas, no dia seguinte, um homem com uma pronúncia de West Country foi falar com ela, para a avisar que não podia dizer a ninguém aquilo que ouvira.

West Country. Vi que Betty estava pálida.

— Que foi? O que disse eu?

— É Violet, senhor. — Arfava. — Pouco tempo depois de ter partido para a Europa — até pode ter sido no dia seguinte —, ela foi desta para melhor num assalto na rua.

— Eles cumpriram com a palavra — disse eu. Olhei para ela. — Fala-me do homem que dava as ordens a Digweed — disse.

— Não sei nada. Jack nunca disse nada sobre ele. Disse que ele era para ser levado a sério, que se Jack não fizesse o que lhe mandavam, iriam encontrar os seus filhos e matá-los. Disseram que se ele contasse ao patrão, iriam encontrar os seus rapazes, esquartejá-los e matá-los lentamente, esse género de coisas. Contaram-lhe aquilo que planeavam fazer à casa, mas pela minha saúde, Menino Haytham, disseram-lhe que ninguém iria ser ferido, que iria acontecer no meio da noite.

Ocorreu-me algo.

— Por que motivo precisavam sequer dele?

Ela parecia estar perplexa.

— Ele nem sequer lá estava na noite do ataque — continuei. — Não é que eles precisassem de ajuda para entrar. Levaram Jenny, mataram o pai. Para que era preciso Digweed nisto?

— Não sei, Menino Haytham — disse ela. — Não sei mesmo.

Quando olhei de cima para ela, fi-lo com uma espécie de entorpecimento. Antes, quando esperava que a escuridão se abatesse, a minha raiva tinha estado em lume brando, a ferver dentro de mim, a ideia de que Betty teria estado em conluio com ele, ou até mesmo ajudado, juntando achas à fogueira.

Queria que ela fosse inocente. Acima de tudo, queria que o seu namorico tivesse sido outro membro do pessoal. Mas se fora Digweed, então não queria que ela soubesse nada da sua traição. Queria que ela fosse inocente porque, se fosse culpada, então teria de a matar. Se tivesse sido capaz de fazer alguma coisa para parar a chacina dessa noite e não tivesse conseguido agir, então teria de morrer. Isto era... isto era justiça. Era causa e efeito. Débitos e créditos. Olho por olho. E é nisso em que acredito. É a minha ideologia. Uma forma de negociar uma passagem pela vida que faça sentido mesmo quando a própria vida raramente o faz. Uma forma de colocar ordem no meio do caos.

Mas a última coisa que queria fazer era matá-la.

— Onde está ele agora? — perguntei gentilmente.

— Não sei, Menino Haytham. — A sua voz tremia de medo. — A última vez que falei com ele foi na manhã em que desapareceu.

— Quem mais sabia que vocês eram amantes?

— Ninguém — respondeu ela. — Fomos sempre tão cuidadosos.

— Tirando quando deixaram as botas dele à vista.

— Foram rapidamente arrumadas. — Fitou-me, endurecida. — E a maioria das pessoas não tinha o hábito de espiolhar pela fechadura.

Ficámos em silêncio.

— O que vai acontecer agora, Menino Haytham? — disse ela com a voz embargada.

— Devia matar-te, Betty — disse secamente e, ao olhar nos olhos dela, vi-a aperceber-se de que podia fazê-lo se quisesse, que era capaz de o fazer.

Lamuriou-se

Levantei-me.

— Mas não vou fazê-lo. Já existe demasiada morte por causa dessa noite. Não nos encontraremos de novo. Pelos teus anos de serviço e criação, ofereço-te a tua vida e deixo-te com a tua vergonha. Adeus.